

PHE

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 13
ANO 2
ABRIL/2020





Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Qualquer geração só se afirma quando engravida de outra. São os sucessores, influenciados pelo movimento anterior, quem dão o testemunho do êxito da geração consolidada. No brevíssimo intervalo de 1 ano, a Revista Literária Pixé não só afirmou-se como publicação especializada como propôs o concurso que oportunizou a participação de mais de uma centena de jovens escritores. Aldeamentos indígenas, comunidade quilombolas, contexto urbano e rural, talentos das mais variadas realidades foram acolhidos, lidos, analisados e selecionados. Esta edição é dedicada aos 20 selecionados pela comissão formada por Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Ivens Cuiabano Scaff e Divanize Carbonieri.

A provável constituição de uma nova geração de escritores em Mato Grosso (ou em qualquer outro lugar do Brasil) diz mais respeito ao tema do que à estética. Parece-nos que a ruptura verdadeira – em termos de literatura produzida no interior do país – dar-se-á pela liberdade do antigo compromisso regionalista. A pretensão de dialogar com autores universais desterritorializa a temática costumeiramente centrada na terra e faz com que o protagonismo do cenário torne-se coadjuvante. Tudo indica que não só os selecionados pelo 1º Prêmio Pixé de Literatura, mas também outros escritores desta geração, não tencionam aderir ao projeto literário romântico que ainda ecoa pelo Brasil, qual seja, o compromisso de descrever, retratar e enaltecer a própria terra.

Outras preocupações são prioritárias para esses jovens. A angústia de um tempo instantâneo, as múltiplas fobias sociais, o abismo financeiro que nos divide, enfim, uma pletoira de temas que estão divorciados da recorrente emulação regional a que escritores de vários Estados se dedicam. Se é possível rotacionar a visão sobre um mesmo local (do centro para a margem), é também possível girar ainda mais o eixo temático para fora da paisagem convencional e escrever sobre a própria humanidade. Ainda há espaço para bairris-

mos no contemporâneo? Será necessária a afirmação local? Seremos jungidos às chancelas de instituições tradicionais? O futuro dirá. Em todo o caso, é preciso perceber esse movimento de rebelião silenciosa.

O que pretendia Mann ao escrever *Morte em Veneza*? A literatura não tinha a obsessão de retratar a terra natal do escritor, mas evidenciar a angústia do personagem que luta contra o próprio desejo conflituoso. É assim com os cânones porque a melhor literatura diz respeito ao que temos de humano, de profundamente humano. Muito embora Shakespeare tenha tangenciado temas essencialmente ingleses, a força dramática que o eternizou está longe da descrição histórica dos reinados dos Henriques ou da geografia inglesa. Não importa realmente em que lugar a história se passe porque a obra shakespeariana pode ser ambientada em Roma, em Londres, em Paris, em Nova Iorque, em Buenos Aires ou em Cuiabá.

Uma nova geração surge tão rapidamente como as novas tecnologias. No mundo virtual não há fronteiras convencionais. Talvez por isso tenha havido uma mudança radical no compromisso romântico de definir brasilidade e, mais particularmente, o espaço regional. O regionalismo ainda viverá? Provavelmente sim. Essa é uma tradição que está entranhada e ainda tem muito espaço para vicejar. Formam-se microssistemas autorreferentes, pequenos umbigos em torno dos quais gravitam a monotemática regional. Não se trata de definir o que é bom e mau, mas de refletir o que tem maior ou menor alcance, maior ou menor diálogo com as questões essenciais do ser humano. Nem o cosmopolita, nem o regionalista é, por si só, timbre de qualidade, muito embora a última tendência tenha o conforto da acolhida entre escritores mais próximos. Se a Revista Literária Pixé revelar novos escritores desatrelados da tradição já tem aí o mérito de prenunciar uma nova geração. Nós não sabemos. O nosso tempo não nos pertence. Quem o compreenderá será o futuro. Vamos a ele. De preferência, depressa.



SUMÁRIO

- 2 Editorial
- 6 Jorge Bazzo Ankar
- 8 Bruna Ferreira ou Sol
- 10 Isa Sousa
- 12 Agnaldo Batista de Lima
- 14 João Pedro Boesing
- 16 Luana Soares de Souza
- 18 Augusto Krebs
- 20 Aryanne Rocha
- 22 Edelson Santana
- 24 Stefânia Pereira da Silva
- 26 Thiago Costa
- 30 Felipe Holloway
- 32 **Humberto Espíndola**
- 34 Antonio Cesar Gomes da Silva
- 36 André Luiz Alves Campos
- 40 Gabriel Eduardo Ribeiro Crispim
- 44 Willian Vinicius Cavalcante Fernandes
- 48 Caio B
- 52 Simone de Jesus Padilha
- 54 Mirian Schio
- 56 Túlio Paniago Vilela

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon

Colaboradores desta edição: Jorge Bazzo Ankar, Bruna Ferreira ou Sol, Isa Sousa, Agnaldo Batista de Lima, João Pedro Boesing, Luana Soares de Souza, Augusto Krebs, Aryanne Rocha, Edelson Santana, Stefânia Pereira da Silva, Thiago Costa, Felipe Holloway, Humberto Espíndola, Antonio Cesar Gomes da Silva, André Luiz Alves Campos, Gabriel Eduardo Ribeiro Crispim,

Willian Vinicius Cavalcante Fernandes, Caio B, Simone de Jesus Padilha, Mirian Schio, Túlio Paniago Vilela

Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

Artista Visual Convidado: Humberto Espíndola

USUCAPIÃO

Bata na porta:
Ela é pesada e rangente
Force bem a fechadura
Dê um beijo em seu pingente

Sinal-da-Cruz-Deus-Pai-Amém
"Tá protegida"

Caso não dê:
respire e fé
- Cabeça erguida

Unte [se puder]
a dobradiça
Que na próxima
Já abre sem preguiça

A casa é sua, não faça alarde:
Para se fazer morada
Nunca é tarde



Jorge Bazzo Axkar

É cuiabano, nascido em 1990. É advogado graduado no Mackenzie-SP e mestrando em Antropologia pela UFMT. Fotógrafo ocasional. Poeta e letrista quando o querer reclama (ou vice-versa). Já se aventurou no teatro. Gosta de um samba.



AFETOL

Cloridrato de Afetolina

Essa poesia contém cápsulas revestidas de Ácido Lírico

Uso oral, adulto,
ou a partir do primeiro vício

Cada cápsula contém:

25 mg de Afetolina, 30 mg de Amorpropilina,
Artelina, Épicorante,
30 mg de Omundo Émaiorqueisso Caralhol, H2ódio,
Cloreto de Putássio e Ácido Lírico

Afetol é indicado para o tratamento de:

Falta de ar, dor de cabeça,
baixa auto-estima, frio na barriga,
ansiedade, seráqueélealiousóparece?,
temores, tremores,
palpitação, fobia social,
insônia, Sônia

E de tudo que existe,
ou nem chegou a existir
De tudo que encheu e tirou tudo de ti

Eu aprendi o significado de dicotomia

Quando amei
e não fui amada
Quando me cura
e me mata

Afeto vicia

É a droga que cura a droga,
da abstinência
Afeto afeta afetos,
fitas, fotos, fatos, fica, esperto

Porque a vida

é uma drogaria
Esse medicamento é contra-indicado em caso de suspeita de denço
Não leia Bula
Leia Bruna.
- Sol.



Bruna Ferreira ou Sol

Nasceu em Cuiabá e mora em Várzea Grande. Tem 21 anos. É formada em Teatro com ênfase em atuação pela UNEMAT e graduanda de Letras - Português e Literatura pela UFMT. Fez intercâmbio interestadual e residiu em São Paulo para estudar na SP Escola de Teatro. Poeta e pintora; faz parte da Coletiva Slam do Capim Xeroso.



Isa Sousa

É formada em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É pós-graduada em Fotografia: Memória, Imagem e Comunicação, pela Universidade Cândido Mendes (Ucam), no Rio de Janeiro. Foi professora e curadora de fotografia no projeto social "Poesia Necessária", em Cuiabá, ao lado de Antônio Sodré. A poesia sempre esteve presente em sua vida, apesar da timidez em mostrar seu trabalho ao público. Recentemente descobriu outras habilidades artísticas, com a cerâmica e a aquarela e, com isso, é a cabeça e o coração - além das mãos - do Ateliê Generosa Criativa. Com a fotografia, já participou da exposição "Híbridos", no Festival Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro, o FotoRio, e foi publicada na revista francesa "Photographe", com sua série "Retratos de uma obsessão: Paris", um passeio em preto e branco pela Cidade Luz.

TIJOLO POR TIJOLO

li, ainda hoje, que "amor é reconstrução"

não posso deixar de concordar.

acho que é sempre mais fácil começar do início.

o sonho

a ideia

o papel

a forma

a base

a laje

a decoração

a chegada naquela casa tão nossa

com cheiro tão novo

com os quadros pendurados na sala

milimetricamente medidos

e, depois,

banido da sala porque o olho da Monalisa dá

medo e eu não consigo dormir a noite

e aí se rearranja

pega o quadro

coloca no outro quarto

tira daquele lugar aquela foto ali

coloca ela, então, no olhar que antes pertencia à Monalisa

ai vem a briga

ai vem o gozo

ai vem a janta

e em seguida a louça pra lavar

e vem rotina

vem conta

vem muito talão e pouco salário

e vem o choro do nada

claro,

sempre o choro

e sempre

supostamente

do

nada

e vem

e vai

e sai da casa

e leva o quadro da Monalisa

e muda

e muda de novo

e enfia o quadro em cima da estante

e pega livro por livro

e pega choro por choro

e pega vida por vida

e pega medo por medo

e pega força por força

e quebra copo

compra louça

desfaz as caixas

refaz a vida

mas, e o amor?

reconstrói o amor

pega aquela receita de juntar os cacos dos copos, as lágrimas e o olhar da Monalisa.

pega também aquele livro que eu andei

lendo e chorei de soluçar

pega sua louça

a toalha de margaridas

as luzes

as dores

os sonhos

as ideias

os papéis

as formas

a base

a laje

a decoração

junta tudo de nós e mistura pra nosso

transforma isso

em uma massa

composta de fé

esperança

espera

e

saúde.

feito isso, beba a reconstrução do amor.

mas beba todo dia

de pouquinho

bem pouquinho

levinho

pra lembrar que amor é isso

às vezes cai

nas outras cola

mas,

sempre

reconstrói.



Agnaldo Batista de Lima

É natural de Mariluz, PR. Licenciado em Letras pela Unemat – Universidade do Estado de Mato Grosso (2002). Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas pelo ICE – Instituto Cuiabano de Educação (2004). Especialista em Gestão Escolar pela UFMT – Universidade do Estado de Mato Grosso (2010). Mestre em Letras pelo Proletras – Mestrado Profissional em Letras Unemat – Unidade *Campus* de Sinop, 2019. Tem artigos publicados nas áreas de Literatura, Linguística e Cidadania e Controle Social. Organizou a publicação de coletânea de poesias de alunos na obra *Um convite à leitura* (2011; 2012; 2014) e a coletânea *Poemas na escola* (2018). É professor na rede municipal de ensino de Alta Floresta, MT.

SECURA

O meu sol não fuma,
mas a fumaça enlaça
e os olhos embaraçam.

Piedoso do ápice
percebe minha sina
em tons de marrom.

Se esquiva das chamas
que queima as folhagens
e os bichos assustam.

E quando finda o dia
entrega-me à noite
em pura agonia.

Por detrás das colinas
ressurge teimoso
todas as manhãs.

Abraça os riachos
ribeirinhos e pássaros,
vem acalantar.

Oferta seus raios
mesmo sufocado,
sob tons de cinza.

E, vultoso de crenças
o pantaneiro anseia
a chuva do caju.

Pra lavar a face
de um sol que insiste
em soprar a vida...

Ser o rei da luz.

ANSIEDADE

As cidades são grandes
 As pessoas muitas
 As noites curtas
 A lua tenaz
 Em pleno verão, o Sol já não se faz
 O vento sopra do Leste
 Do Oeste
 Quiçá do centro-oeste
 A se eu pudesse
 A se eu capaz fosse
 A se tu me deixaste
 Eu só não quero te sentir por toda parte
 Você é sorte
 Azar
 Revés
 E ao invés de permitir, sem ti não posso existir
 Existir posso
 Mas poder não posso
 Só não posso deixar de poder
 Porque quando não se pode
 Você pode se perder.



João Pedro Boesing

Cursa o segundo ano do ensino médio no Instituto Federal de Mato Grosso. Aos seus 16 anos, escreve crônicas e poesia, abordando questões relacionadas à vida cotidiana e às aflições internas, reais ou não.

RESSACA

Bebi até as últimas linhas da poesia.
Fumei a pele da palavra.
Traguei sinestésias.
Dançamos.
Rimos.
Transamos.
Minha vulva
na língua do verso.
Gozei.
Dormi.
Acordei vomitando metáforas.



Luana Soares de Souza

Nasceu em Guiratinga, Mato Grosso. Atualmente é professora efetiva de língua portuguesa da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC), atuando na Escola Estadual Pio Machado, em Acorizal. Possui graduação em Letras, habilitação em Literatura, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e mestrado em Estudos de Linguagem pela mesma instituição. Possui doutorado em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).



VÊNUS

(Para Ana Flávia Guimarães)

Ermo som que palpita em minhas retinas
 te vejo e te escuto no escuro de poros
 no poder óbvio de coisas
 na ferrugem, no sabor
 no latim
 - sangue nos corais
 cintilando girassóis de boa noite
 para dar bom dia,
 na abóbada escura e celeste de nossas cabeças
 batendo à porta dos ouvidos de outras pessoas
 Um abraço que cabe ao quarto
 mas não às vias públicas
 nem quando bem se quer
 e a gente sabe
 a gente sabe da ciência e da razão para tatear
 tudo o que nossa incapacidade e miséria com muito custo alcança
 uma história possível a um espaço circunscrito
 - guepardos estirados no chão de minha sala
 e como guepardos estirados num cochilo preguiçoso que não existe ao resto da vida.
 - a onda não receia quebrar
 investe para que todos a vejam e pressintam
 a presença de um acontecer infatigável
 Cantasse a força de mil cantos,
 as aves que entoam o sol e sua beleza
 devastando a dorminhoca escuridão dos telhados
 meu desgosto não impedirá as madrugadas,
 a manhã e seu tamanho
 nem mesmo seu destino de galgar ranhuras nas gargantas do poente
 É primavera a prece do meu peito
 a navegar os astros
 imergindo na certeza itinerária de morte e cigania
 da noite Eterna
 e me pergunto se finda o caminho o cintilar de uma estrela
 se quando teu cheiro me ronda, é tua presença que me orbita
 mesmo longe, não finda.



Augusto Krebs

Nascido em 1992, natural de Chapada dos Guimarães, é músico, compositor, arranjador e produtor musical, se arrisca nas letras e audiovisual. Graduando do bacharelado em Regência na UFMT, já atuou como guitarrista nos trabalhos de Karola Nunes, Mariana Borealis, PachAna, Gabriel Carmo, foi integrante do grupo de percussão [re]Percute UFMT e atuou como formador de Sonoplastia na MT Escola de Teatro no ano de 2019.

DESVIOS

ele com as mãos abertas na altura do ouvido
veja só, querendo mãos em lugar de orelhas
de qualquer coisinha pequena feita para ouvir
os dedos ali se movendo como tentáculos
pegando para si
segurando por quanto tempo quisesse
qualquer som distraído no ar
olhava uma palmeira cheia de periquitos e pássaros pretos
talvez fosse essa sua curiosidade
verde e preto juntos, já pensou? por quê? de uma paleta inteira de cores?
ou estaria na verdade preocupado em como esticar ao máximo as palmas os dedos as unhas todas
a pegar a vozeria dos bichos
tacando-a para dentro de si
por mãos no lugar de ouvidos
os vikings não tinham palavra para a cor preta, queria lhe confidenciar
à cor do corvo diziam *blár*, sabia?
que é um azul muito escuro
essa a verdadeira cor do corvo e ninguém saberia
a não ser nós dois
mas não contei
queria que se virasse até mim
queria escutar sua voz
o que sairia da mistura daqueles sons roubados
a me segredar algum acaso
também demoraria a olhá-lo de volta
me concentraria em senti-lo perto
descobrimo-me as cores
o verde
o azul se transformando em preto
estaria solta em um canto bem baixinho meu
barulho que ele tentaria captar com seus
agora sim
longos ouvidos de mãos
então contou-me
que segurava a respiração quando pássaros de repente pousavam perto dele
primeiro percebeu que fazia sem pensar
depois pensando
não queria afetá-los com sua presença
nem fazê-los partir desagradados
será que não achava que os pássaros talvez tivessem um buraco perto dos olhos
suas patas fininhas ali enfiadas fazendo a função dos ouvidi-

nhos que nunca tiveram?
talvez com elas recolhessem ruídos humanos
talvez fosse esse o vício secreto dos pássaros
fazendo-os desesperadamente voar longas distâncias, atravessando oceanos, migrações de dias
e pousavam mesmo por todo lugar para ouvir os sons dali
descansando rápido as asas gastas, as patinhas resfriadinhas dos ventos
será mesmo que achava que os pássaros pousavam querendo ficar?
disse-me que um amigo seu ia embora de vez para outro planeta
ou era outra galáxia
lá onde poderia ser quem ele era
sem se segurar
não aguentava mais estar apertado em si mesmo
vivendo preso no canto da própria vida
e passando despercebido
em outras
foi quando percebeu que tinha olhos muito pequenos minúsculos, embaçados
com eles não conseguia ver nada que ficasse um pouco longe de si
as anteninhas perdidas em lugar dos ouvidos
eram ambas quebradiças, desajustadas
não serviam para escutar o que era importante
as mãos que até então se ocupavam com coisas foram embora de onde estavam
passearam seu corpo afora
enxotaram os pés, as juntas, os calcanhares
por ali se estabeleceram um tempo
eventualmente partiram tronco acima
chegaram aos ouvidos
substituíram os dois filetes que ali estavam
dali em diante otimizaria cada sentido seu
as partes estariam em constante deslocamento para outras regiões
teriam muitas funções
seu corpo cada vez mais competente
em não deixar nada escapar
procurava agora o que pôr em lugar dos olhos
precisava muito de ver
captar melhor
toda presença curta
esperando com isso
que elas fossem um pouco mais longas



Aryanne Rocha

É cuiabana, formada em Relações Internacionais e com uma paixão sem fim pela literatura. Afirma que “ultimamente tenho tentado rachar a redoma de escrever para mim mesma e passado a escrever mais para o mundo. Meu poema nessa edição especial da Pixé é inspirado e dedicado ao Marcelo Campos, um amigo de Porto Alegre que nos últimos anos muito tem me ensinado sobre como usar minhas mãos, meus ouvidos e meus olhos todos a melhor captar e criar pontes aos universos das outras pessoas”.

PONTO DE FUGA

Quero o poema que diga
em versos cotidianos
aquilo que o outro grita
nos becos sós da cidade.

O chiar do asfalto quente
da rua, de transeuntes
que ali um dia deixam
os rastros impercebíveis.

A forma da massa quase
amorfa; com a cabeça
de muito pouco pensar,
mas de coração pulsante.

A hora livre do pai
em qualquer canto da casa,
intervalo de almoço,
quando brinca com o filho.

A fala da mãe sem tempo,
no acalanto de vidas,
que durante as jornadas
sonha manter a ternura.

Imaginar de criança
ao tomar um brinquedo
para inventar o mundo
em breve toque de dedos.

O espelho do sem-casa
que não enxerga o céu.
Alimenta-se dos dias,
que aos poucos o devoram.

O som de quem emudece
e não pode expressar
a dor que de tão profunda
tornou-se ela o ser.

A precisa expressão
do enunciado simples

na ordenação dos dias
forjados em suor.

Companhia de quem lavra
a fecundar o vazio.
E espera da madrugada
o milagre do renovo.

A seta do eremita
que encontra na solidão
inexorável caminho
em sentido absoluto.

A arma do indefeso
ao se proteger do tiro,
e se escuda na palavra,
sua profissão de fé.

Os tantos protestos tímidos
dos que resistem à sombra,
agarram em duas mãos
o sentimento do mundo.

O cântico da sarjeta
onde o bêbado deita
e, com o rosto ao sol,
aguarda a vinda da musa.

A dicção do poeta
de algum lugar suspeito,
na devassidão da lama,
a pisar na auréola.

A fonte do cantador
em cantigas de amor
de redondilhas maiores,
no desafio das rimas.

Quero o poema que diga.
Que seja forma – e voz
de quem se jogou na vida
e não encontrou refúgio.



Edelson Santana

45 anos, nasceu em Rondonópolis e mora em Cuiabá (MT). Graduado em jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso e em letras pela Universidade Federal de Goiás. Autor do livro *Uma poética da solidão em Miguel Torga*, resultante da dissertação de mestrado em estudos literários pela UFG, e de artigos publicados no meio acadêmico. Membro da Associação Internacional de Lusitanistas. Atua como revisor de textos na Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

ESCRITOS

Tanta tranqueira no armário
e eu sem coragem de jogar fora,
escritos do passado, perspectivas de agora...
Tanto sonho encaixotado,
tanto projeto falido,
desejos enjaulados e
um coração envelhecido.

Tanta memória na tranqueira,
tanta conversa, risada, besteira...
Tanta vida nos papéis...
Lembranças aos carretéis!
E eu sem porquê pôr no lixo
amigos que não são mais,
por gracejos da vida, por caprichos...

Não quero olhar para trás,
mas as recordações me remetem a uma calma
que eu não tenho ânimo de rasgar.
Embora tenha havido tanta história nos diários
que, por medo de permanecerem, eu quis apagar.
Hoje, são segredos bem guardados.
Nem sei se havia mesmo pelo que zelar.

Tanta poesia escondida,
tantos detalhes a recitar,
talentos que foram enterrados,
talvez, não sei, até tomados
por falta de os usar.
Tanta letra faltando nas conversas
pra esclarecer a pressa
que eu tinha de crescer!
Tanto rancor do passado,
decepção com o presente,
do futuro, incerteza do que vai ser da gente...

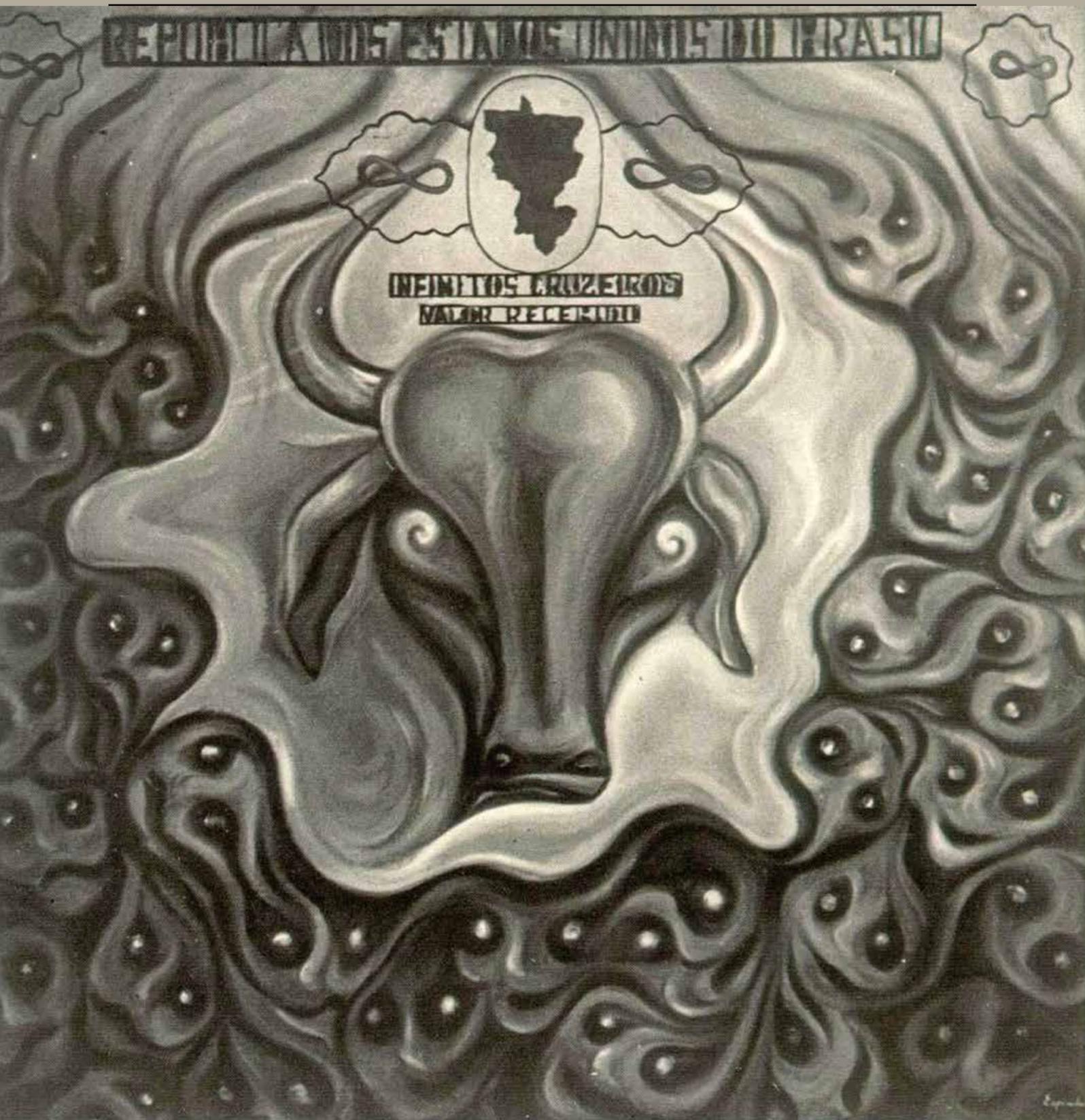
Tantas lágrimas choradas
e frases engolidas
E tanto arrependimento!
Seria melhor olvidar
(pra memória não atrapalhar a vida)
Certas circunstâncias e certos sentimentos.

Deve ser por isso que a vida passa
e o tempo voa:
pra gente se livrar das coisas ruins
e sentir saudades das boas.
Talvez seja por isso que o tempo passa
e que a vida voa...



Stefânia Pereira da Silva

Foi selecionada no Prêmio Pixé de Literatura.

**Thiago Costa**

É historiador. Faz doutorado em Estética e História da Arte pela USP. Autor de “O Brasil pitoresco de J.B. Debret ou Debret, artista-viajante” (RJ, 2016) e organizador – ao lado de Ariadne Marinho – de “O jardineiro de Napoleão. Alexander von Humboldt e as imagens de um Brasil/América (sécs. XVIII e XIX)” (Curitiba, 2019). Docente do IFMT – campus Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda. Vencedor do primeiro Prêmio Pixé de Literatura, na categoria prosa.

O TRATADO DA ESFERA

Amarrou o pai no tronco da árvore baixa. O corpo fraco, amolengado, quase morto, pingando sangue, fedendo sangue e carne de porco, tendendo para o lado. A corda estica. Braços e pernas atados, presos pela corda grossa de laçar boi. Sol ardente, congregação de incêndios, coagulando o sangue no chão. Final de setembro, tempo limite da plantação, da formação de novos pastos. Tempo limite da estiagem, da seca braba, que adiante era a chuva. Ainda se lembravam da grande tempestade, enxurrada de 666 dias e noites que desfez garimpos, fechou fazendas, tocou gente, matou bichos. Por isso, desde antes do nascer do sol o filho menor e o pai gradeavam a terra, violavam o chão bruto, força bruta, dividindo as áreas para o gado, para a plantação e a colheita. Viam já as serrações surgindo e se dispersando nas morrarias das divisas dos sítios bolivianos, nos fundões de Vila Bela. Logo mais era a chuva. Então o pai e o filho derrubavam a mata, abriam picada, sulcavam o terreno para as sementes novas, sementes de capim-africano, trazidos pelos ancestrais do pai do interior das florestas da antiga Abissínia. Sol em brasa, calor de braseiro, o sangue coagulando no chão. Sangue grosso.

“Não”, disse, resoluto e firme, o filho menor, como quem enfrenta onça com zagaia, ao velho pai, mateiro velho, que comia manso nos sombreados dos largos ipês. Ipês coloridos, de flores odorosas, diversas, variadas. E esperou. A resposta do pai, sentença de suprema lei, excedia no sagrado as Sagradas Escrituras. Foi assim com o irmão maior, foi assim com as irmãs, as gêmeas, Sara e Rebeca. Seria assim com os outros, com todos os outros, pela eternidade.

Devia de ser igual gado. Já matara porco e galinha, boi nunca, nem gente. Matar o pai devia de ser igual matar boi. Já vira antes, os homens das fazendas matavam, contavam histórias, ouvia as histórias. Viu quando o pai matou o boi da carranca preta de nome Judas Cariótis. Com golpe de marreta no bojo da cabeça, entre os chifres, a língua para fora, o boi tomba, convulsiona, rasga-se o pescoço com faca de gume apurado, lâmina alta. Degola bem degolado, deixa o sangue correr. Nos frigoríficos da cidade a morte era quase instantânea, quase indolor, nas regiões civilizadas, onde o sangue era lavado para não encardir o chão, não amargar a carne. Nos sítios distantes era diferente, nos ermos profundos que tocam a Bolívia, na densa mata profunda do misterioso país do Mato Grosso, longe dos homens civilizados, a morte era diferente. Já viu fazer. Primeiro atira o laço, amarra o chifre, afasta o escolhido do resto do rebanho, tira do pasto, leva para a cancha, local de morte e sacrifício, as novilhas sentem, gemem, se agitam, os bois muge, inquietos, o escolhido se move, perturbado, arisco. Tem presságios. Defeca. Cheiro de estrume, de bosta, de defunto. Olhos vagueando, muge, inquieto. Estaca um instante, a marretada, o golpe, o sangue no chão. Cheiro de sangue. Os olhos fixos, negros, negríssimos, afundados na carranca preta, manchada de vermelho, do sangue, grosso, escumoso, que escoo do golpe certo, buraco que abre o pescoço ou o peito, para sangrar, lavrando a terra, para morrer, lento, devagar.

“Não”, disse, resoluto e firme, o filho menor, irmão menor, ao velho pai, mateiro velho, que comia. A mão segurando a enxada, a camisa empapada de suor e ansiedade. “Não”, disse. E aguardou.

“Tu não sabes nem um terço da metade do meio de tudo que se há de saber. Da vida e do além-vida, do mundo e do infamundo. Dos seres errantes como nós, índios e pretos. E com o assassinio do pai, teu velhíssimo pai, o sabedor de muitas coisas, tu saberás ainda menos”. Disse, afetada e rouca, ajeitando-se na relva, no sombreado fresco dos pés da serigueta, perfume doce, de fruta doce, ajuntando mosca. Desgraçada, pensou o irmão. Índia chiquitana, comprada menina, duas garrafas de pinga e um sacolão, criatura predestinada ao extermínio, ao aniquilamento. Comprada pelo pai com as mesmas idades do irmão maior, na época do garimpo, antes do dilúvio, tempestade apocalíptica. Ignorante da vida, pensavam,

inocente de quase tudo, pensavam, foi casada com o irmão maior que o irmão maior estava no tempo de casar, menino homem, moço crescido, de pegar novilha no laço, pelugem rala surgindo com a promessa de bigode. Desgraçada, pensou o irmão, cobiçoso, desejoso, salivando, espumando. Igual ao pai. Fechou a mão de calos duros, de feridas antigas, de cicatrizes recentes, socou a mulher, que rodou, caiu, compreendendo já as ocorrências seguintes, os atos profanos das fomes masculinas, a violação. “Tu és um maldito e não sabes. Não sabes nem um terço da metade do meio de tudo que se há de saber de tudo que existe ou que existiu”, e cuspiu o sangue que se aglutinava na boca, entre os dentes.

O calor, o sol, ampliando-se, o céu, pesando nos horizontes. Finais de setembro. A camisa empapada, umidade de suor e sangue. Amarrado na árvore baixa, pingando, o pai, descorando. Devagar, respira ainda. Observa com olhos vermelhos o desespero do filho. Filho gerado nos matagais assombrados de Abissínia, que arrancou com as próprias mãos do ventre da esposa, a mãe, e lavou nas águas escuras divinizadas do rio, de águas frias, durante a noite, na madrugada. Filho derradeiro, benjamim, dádiva dos deuses e dos espíritos, que consagrou ao eterno no instante exato do tempo em que mergulhou sua cabeça pequena de recém-nascido nas águas escuras do rio, curso de águas divinizadas. O velhíssimo pai. Respira com lerdeza, para dentro, em condições de passagem, de transmigração. Aspira o sangue que vaza do corpo, fatigado, coagulando ao sol, sangue que entra pelas narinas, pelos cantos engordurados da boca, borbulha, desce pelos olhos e o rosto fundo, preenchendo sem pressa os espaços pulmonares, afogando.

“Teu crime é hediondo”, “Serás amaldiçoado”, “És um maldito”. Disse, nua ainda, ajeitando o corpo largo entre as flores e os caroços da serigueta, as folhas secas do capim, corpo doído, surrado, marcado pela gula criminosa do menino homem, remanescente último da linhagem ancestral do velho pai, o antiquíssimo. Lembrou do marido, casada à força em tempos remotos, varão enfermo, menino débil, vagueando solitário nos seringais além do rio das águas escuras, além dos domínios da fazenda Serra Negra e dos restos arqueológicos da extinta vila Presença de Deus. Arrancou com pequenos dedos tortos o resto do gozo alojado no meio de si e limpou as mãos na terra batida, nas folhas mortas da serigueta. “Seu nome será esquecido, desprezado pelo todo-poderoso”, disse, nua ainda, com a voz baixa, fitando o chão, as raízes expostas, os vermes subterrâneos. O irmão menor ouvia, “hediondo, ignóbil, obtuso”, não entendia, ria, acompanhava com os olhos, indiferente, satisfeito, alheio. Pitou um cigarro. Estava completo.

Em pé, além da frescura sombreada dos ipês que se alargam sobre os terrenos do pai, o filho menor espera. O pai, acorçado, em silêncio, comia. O filho, hesitante, ansioso, aguardava. O pai, em silêncio, come. O filho menor, em pé, aguarda. As palavras do velho pai, mateiro velho, saído de lonjuras obscuras, estiradões distantes, a mãe dizia era de Exu, a mãe dizia que seguiu rumo sem saber porquê, um dia se foi, deixou Exu, sol no lombo, pés descalços. Chegou nos fundões das divisas dos sítios bolivianos antes da Grande Chuva, hecatombe de águas, o dilúvio de 666 dias e respectivas noites que arrastou os garimpos da vila Presença de Deus. Chegou antes mesmo da formação da fazenda abandona Serra Negra, antiga Três Irmãos. O pai viu tudo, silencioso, testemunha dos apocalipses. Um vai-e-vem de almas sebosas, de fantasmas, de coisa-ruim. O pai via tudo, sabedor de muitas coisas, mateiro velho, silencioso, com os olhos fundos cravados na fundura do rosto ossudo, sulcado, acumulando idades, poeira, solidão. O irmão menor, em pé, observa. Aguarda com ansiedade, consumindo-se pela expectativa do voto, a determinação fundamental que devia de ser definitiva, cumprida de imediato. As tralhas prontas, preparadas com antecedência, guardadas na cova cavada bem antes. O pai, preto velho, outrora tão forte, imponente, enfraquecendo, derruindo, em ruínas já, agachado sobre os joelhos, comendo com as mãos os pedaços de carne suína banhados na gordura, as mãos engorduradas, sebentas, o óleo escorrendo pelos dedos, nos cantos da boca, gotejando no chão. O pai comia em silêncio. Mastigava. E o filho ouvia o barulho da mastigação, da mandíbula que saía e voltava ao lugar. Manso, sob a sombra dos grandes ipês, sereno, o pai, ao largo da terra gradeada e semeada, aberta para as chuvas do verão, come, solene, querubínico, maior que todas as grandezas, sabedor de tudo que existe. O irmão menor espera. Escorado na enxada fincada na terra. Quietude sem tamanho, disforme, que ecoa, ressoa nas imensidões, silêncio que crescia, multiplicando-se, se expandindo, silêncio que gruda na pele, transpõe os poros, impregna os ossos, embrenhando-se por dentro, ferindo, dilacerando. Só o barulho da mastigação, a gordura, o óleo do porco, camadas de silêncio e escuridão. O sol crepita, vapores sudorosos, incandescentes, o calor, a quentura, o pai mastiga, a mandíbula se move, estala, boca gengivosa, desdentada, gotejando gordura, o pai apodrece, mutismo impenetrável, mudo e podre, comendo com as mãos ossudas, no isolamento dos destertos, exílio do tempo, indeterminável, o pai apodrece sob o sol, sob a luz que atravessa a folhagem dos enormes ipês, ipês coloridos, de flores odorosas, coloridas, variadas. Suava, o irmão menor suava, e o mal apoderava-se dele, penetrando as fendas do corpo, apoderando-se. As mãos calosas, frias, o peito palpitava, a barriga fria, palpitava, ardia. O pai come. Só o barulho da mastigação, da mandíbula saindo e voltando ao lugar. Moscardos alados, de asas abertas. Um zunido. Fracções de segundo. O filho observa, o pai come, hesita, mãos

encardidas, de sebo, de gordura, de terra. Longos segundos. O Assum Preto pia, augurando. A longa espera, a longuíssima espera, sem terminação, sem limitação, que não se conclui, que se prolonga, em eternidades, em instantes eternos, o irmão aguarda, o filho espera. E desespera. O Assum Preto voa. Olhos torvos, como os das vacas golpeadas de morte. O corpo pendeu para trás. Revirou os olhos para ver, céu sem nuvens, o sol, tentou falar, lançar feitiço, maldição, balbuciou, um fio de sangue correu do alto da cabeça, no meio dos olhos, nas narinas, entrou pela boca, desceu o queixo. Boca aberta, de pragas, de matéria suína mastigada, de salivas gordurosas. Engasgou, tossiu, caiu. O tombo, língua para fora, convulsiona. Logo mais viria a chuva. O sangue na boca, nos olhos, no nariz, no chão, encardindo os espaços ao redor. A morte, lenta, devagar. Precipitação. O golpe não foi certo. Passou o laço pelos braços e pernas, arrastou o corpo pela mata, nas proximidades do barracão, lugar da consumação das carícias rançosas do pai e as mulheres da casa. Mãos presas por trás, o corpo pende para frente, a corda estica. O pai gagueja, balbucia, quer falar, engasga. É tarde. Um fio de sangue escorre da cabeça de cabelos brancos, flui entre os olhos, entra pelas grossas narinas, no canto ensebado da boca, borbulhando, preenchendo as fissuras interiores do pai, cumulando os vãos pulmonares, asfixiando.

O irmão menor fuma. Contempla as esferas primitivas, de movimentos primordiais. A perfeição. Era completo. Um proscrito. Na juventude frequentava as irmãs, as gêmeas, Sara e Rebeca. O pai também, sabia, adivinhava os atos de fornicção do pai. Velho descarnado, tomado de bolor, frequentando carnes alheias, carnes de rapariga nova, proibida, a mulher do irmão maior, o velhíssimo pai, de ossos fundos, de carnes mofadas, vencidas, antes eram as filhas, as irmãs, as gêmeas. A mãe morta fazia tempo, tanto tempo que nem se lembravam mais. Nuvens no céu, o dia escurece num repente. A chuva, o fim, o precipício. O pai fita o irmão menor, olhos fixos, negros, negríssimos, cravados na cara preta. Matar o pai era como matar boi, igual o boi de nome Judas Iscariotis. E com a morte do pai, estava completo, cumpria o seu destino. Era agora um satanás, um Lúcifer, um belzebu, um artesão maligno pleno de malignidades. Abominação, aberração, criatura suprema, diabo da Abissínia. Era agora um criminoso, era agora Deus.

O pai agonizava amarrado na árvore baixa, olhos exorbitados, em agonia. O irmão menor urrava, rugia, animal das florestas, criado nas matas antigas, entre bichos e espíritos antigos, besta selvagem, Belial, serpente demoníaca. Cão de alma sarnenta, de muitas cabeças. Ladrava, gania. Urrava. Para os interiores, para os exteriores. Índia desgraçada, roncava, úmida, molhada, preenchida, lasciva, babando no órgão baixo do irmão menor, que conquistava o mundo, escalava a serra de Ricardo Franco, o morro de Santo Antônio, os paredões dos Guimarães, dos Parecis, rei dos matagais, dos pastos, das moscas, das almas encardidas, da danação, senhor das fronteiras, do céu, do infinito, decifrador dos segredos cósmicos, dos códigos solares, astrais, o Arquimedes, arauto do Todo-Poderoso, o próprio Todo-Poderoso, sabedor das delícias proibidas, dos caminhos proibidos, dono das encruzilhadas, dos entroncamentos, tinha a chave dos labirintos, dos trechos abissais, curava as curas, propagava as doenças, doutrinador dos sapos e das rãs, sabia o idioma secreto das víboras peçonhentas, ressuscitador dos defuntos, dominador da vida e da morte. Igualara-se ao pai, velhíssimo pai, o sabedor de muitas coisas. Era agora maior que o pai. Era grandioso, misericordioso, era bom. Anjo obscuro, portador da luz da ascensão, um pecador. O pai, moribundo, afoga devagar, aspira o sangue que desce da ferida aberta na cabeça, sangue que escoia pelas paredes da garganta junto com a gordura branca da carne de porco. A mulher do irmão maior geme, silenciosa, olhos fechados, sublima a dor, aprendeu a ser forte, e o gozo abarrota seus vãos, suas pernas, suas coxas de carnes moles, balouçando no ar, pernas abertas, recebendo os gozos do irmão, escorrendo blocos de gozo do irmão menor, parente do marido, ausente, débil, vagueando solitário pelos seringais distantes.

Meteu o dedo por dentro da camisa embostelada, de sangue e terra, e coçou o umbigo, sujo, malcheiroso, fundo, como fazia o pai quando estava satisfeito. E sorriu. Sorriso igual ao do pai. Dentes brancos, caninos, manchados de café e açúcar, na cara preta. O sorriso se alargando numa risada muda, para dentro, como se não houvesse fora, zonas exteriores, além do corpo magro, puído, pequeno, de aparência de grandes fragilidades, de enormes violências. Em tempos de antigamente o pai coçava o umbigo. Satisfeito. Olhava em silêncio os pastos, as divisões da roça, os animais do sítio, o corpo envergado das fêmeas da casa, nuas, quietas, esfoladas, marcadas, de arranhão, de fúria, preenchidas. Acariciava a barriga descarnada, sobreposta de fomes, trazida dos caminhos tortos de onde viera, só a mãe sabia, o dedo indicador da mão calombosa pousada no ventre. Assim ia. Remansoso, paciente. Fumando. Imóvel. Tudo via, tudo sabia. Até que da profundidade das rugas brotava a carranca, eclipsando os espaços, sombreando as sombras, e o sorriso morria na ponta da boca. Nesse instante, suspenso no interior de si, transitava entre os planos, os abismos, esconderijos secretos dos entes divinos, pantanal, cerrado, Amazônia, em perpétuo transe. O dia preteja, a mata escurece. Adiante era a chuva. Estava completo. Era agora maior que o pai. Animal em plenitude, umbroso, de plena decadência, em contínua desagregação corpórea, constante involução seráfica, morfologia ameboide, omnímodo.



Felipe Holloway

Nome literário de Marcio Felipe da Silva, nasceu em 1989 na cidade de Canindé, no Ceará, mas radicou-se em Cuiabá, Mato Grosso. É formado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Mestre em Estudos de Linguagem pela mesma instituição. "O legado de nossa miséria", seu primeiro romance, foi o vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2019.

A QUEDA

Ela escuta o baque do quarto, está lendo, ainda há pouco ele abriu a porta e a observou, não precisou tirar os olhos do livro – a trama se aproximava de um ápice que ela imaginava ter adivinhado lá pela página 200 – para saber que era ele, só estavam os dois no apartamento, só havia os dois no apartamento nos últimos oito meses, mas o baque foi impossível de ignorar, um som abafado, meio úmido, como se um saco de cimento tivesse sido atirado do quinto andar em cima de uma poça, ela deixa o livro de lado sem marcar a página, sai do quarto e diz o nome dele com a última sílaba em tom ascendente, como a mãe que se certifica de que o grito que acabou de escutar não tem qualquer relação com seu filho, a calma do timbre procura disfarçar a urgência, uma necessidade insidiosa de ir até a janela cujas grades ele tinha insistido em remover há duas semanas ("o rapaz da TV a cabo pediu, senão ele não consegue acertar a posição da antena"), mas ele não responde, vai até o outro quarto, o banheiro, a cozinha, nada, ninguém, nenhum som, e então um barulho humano sobe lá de fora, um barulho que tanto pode ser bom-dia quanto meu Deus!, e que, mesmo em sua indefinição, já funciona como o arremate sonoro de um conjunto de situações intermitentes, desconexas no tempo mas interligadas em significado, sinais encadeados cuja importância ela se esforçou para não reconhecer, ou para fingir que não existia, um pouco como os personagens do livro que terminava de ler ignorando a que final previsível o conjunto de evidências dispostas nas páginas anteriores os estava conduzindo, ela não vai até a janela, em parte por medo do que verá, das mil mortes que morrerá enquanto desce as escadas até o térreo, até chegar à constatação tátil e ampliada da cena que, do quarto andar, lhe chegara visual e reduzida, mas já desumanamente impossível de reverter, em parte porque o trajeto entre o seu andar e o térreo ainda poderá comportar a resolução corriqueira daquele proto-pesadelo, um esbarrão nas escadas com ele, que só tinha descido para pegar a correspondência na caixa, e enquanto abre a porta do apartamento, um papel desponta em sua visão periférica, em cima da mesa, um papel que talvez já estivesse ali mais cedo, já estivesse ali desde sempre, mas cuja evidência instintiva, agora, tem uma conotação na qual não quer ou não pode pensar, de modo que fecha a porta sem encará-lo, 14 horas, o bloco vazio, um cheiro de bife grelhado sobe do poço, o elevador está em manutenção já faz seis meses, se esquece de trancar a porta por fora, é uma queda curta, se diz, e há o cajueiro na calçada que sem dúvida amorteceu o impacto, isso se tiver mesmo havido uma queda, o que ela tenta forçar as circunstâncias a perceberem como algo absurdo, de que forma poderia um dia comum, desprovido de premonições, até de nuvens, ser também o do fim de tudo, mas a verdade é que já começa a acreditar, já começa a achar impossível que na curva para o lance seguinte irá encontrá-lo, impossível que todas as vezes em que o viu com o olhar perdido na janela do ônibus, deitado na cama, numa roda de amigos, não fossem um prelúdio para esta tarde, a frouxidão dos eu te amo, a pena de deixá-la como a última coisa que ainda o impedia, a gradativa corrosão desse precário elo final com a realidade, o sexo incomum na noite anterior, a devolução de livros emprestados sem a contraparte da exigência dos que havia emprestado, a serenidade, o esforço para parecer bem, essa brandura tão típica de quem já desistiu, de quem já se desenrodeou da camada de fios que o prendia a uma necessidade atávica, irracional e compartilhada pela maioria, de manter a consciência perdurando, e ao final do primeiro lance ela está se esforçando para recapitular a última conversa que tiveram, não se lembra com precisão das palavras, mas sabe que foi algo terno, uma cálida lembrança pré-sono dos primeiros tempos, das festas da faculdade, da chuva ao abrigo de um coreto no centro, e isso de alguma forma a conforta, saber que, se o que encontrará alguns metros abaixo for o que o conjunto de circunstâncias espalhadas nas páginas anteriores fizeram supor, o que ficará em sua mente não será a lembrança de uma briga, de uma palavra mal empregada ou de um silêncio cheio de rancor por alguma banalidade cotidiana não verbalizada, mas a docilidade do início, quando a espiral de degradação não existia, em nível algum, e isso desperta nela – sem uma ordem consciente, sem nem mesmo se articular de forma discernível, a princípio – uma ansiedade diferente, insidiosa mas irresistível, que aos poucos deságua, cinzenta, na ideia de que, passadas todas as sutis e elaboradas fases de sua dor, passada a onipresença das memórias da existência dividida, passado (durante talvez o dobro ou o triplo do tempo em que estiveram juntos) o vácuo sulcado pelo fim unilateral que ele lhes impusera nesta tarde, passada a incapacidade de deixar sua apatia por qualquer outro estado da alma, poderá voltar a viver, em vez de meramente suportar a realidade ao lado de outra pessoa, poderá ser de novo alguém com um conjunto de possibilidades à sua disposição – alguém capaz de se alegrar com a perspectiva de que alguma delas conduza a um estado de felicidade permanente ou menos descontínuo, e então, tentando por tudo sufocar essa torrente de sentimentos vis sob o peso do amor ainda não dissipado, e ao mesmo tempo incapaz de saber se tal comportamento já faz parte do plano de se entregar com sofreguidão à tristeza profunda dos primeiros tempos, prenúncio necessário da alegria duradoura, ela chega ao térreo e abre a porta.



Humberto Espíndola
Artista Convidado

BIOGRAFIA

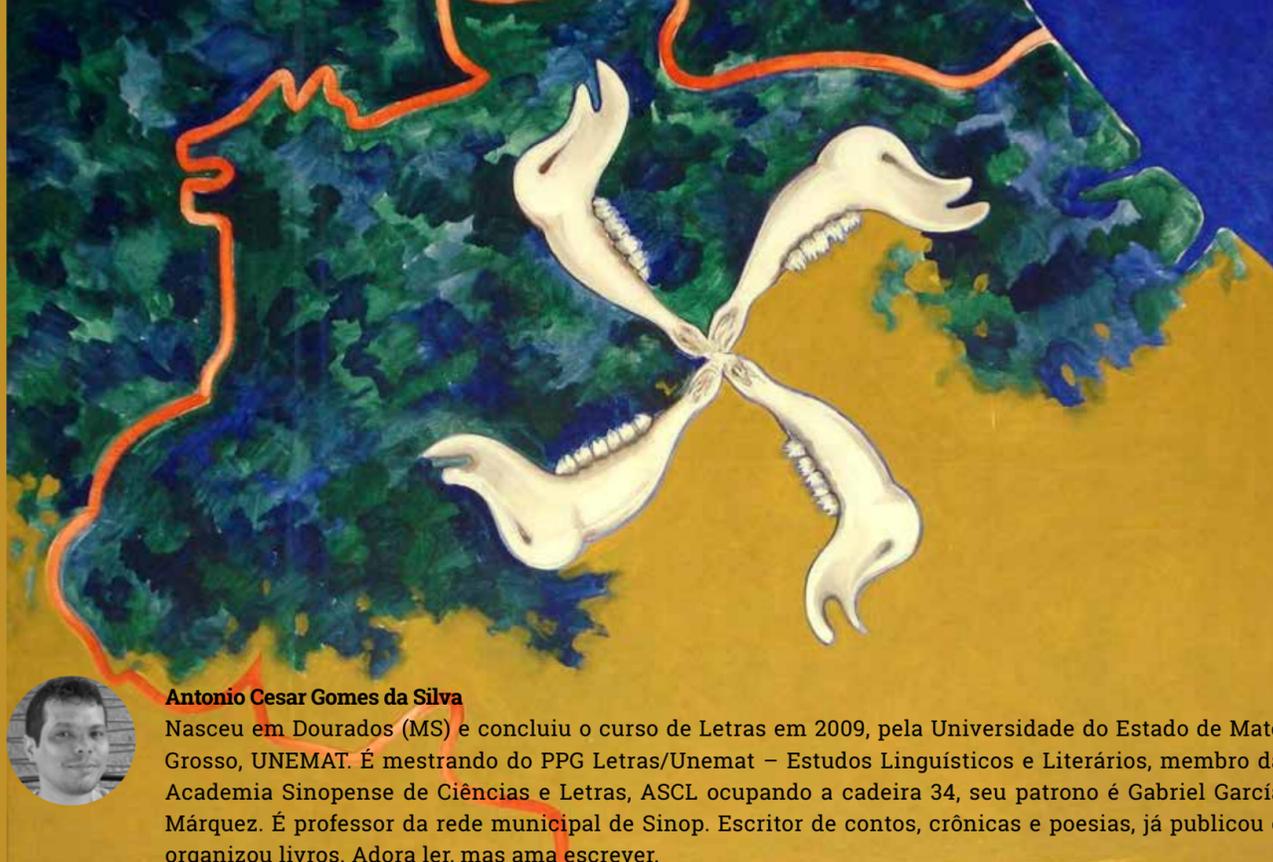
Humberto Espíndola é pintor, desenhista e objetista, animador cultural, crítico de arte, membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Participou da 10ª Bienal Internacional de São Paulo e da 11ª, na qual obtém Prêmio Bolsa de Estudos no Exterior (1969/71); 2ª Bienal de Medellín (Colômbia, 1972), 36ª Bienal de Veneza (Itália, 1972); 1ª Bienal Iberoamericana de Pintura (México, 1978); 1ª Bienal de Havana (Cuba, 1984); 2ª Bienal de Cuenca (Equador, 1989); Pintura Contemporânea de Brasil, Casa Rômulo Gallegos (Caracas, Venezuela, 1990); Viva Brasil, Museu de Arte Contemporânea da Universidade do Chile (Santiago, 1996); Seis Artistas Brasileiros: Dimensões do Ser e do Tempo, Museu de Arte de Cochabamba, Museu de Arte de La Paz (Bolívia, 1988); Kingsman Foundation (Quito, Equador) e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (1997).

Premiado nos principais salões nacionais de arte (1968/1980), Melhor do Ano em Pintura pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA, 1977), Homenagem Especial da Associação Brasileira de Críticos de Arte pela trajetória artística e colaboração à cultura brasileira (ABCA, 2004). Entre as individuais, destaca-se Bovinocultura 1967/99 – Panorama Retrospectivo, Casa Andrade Muricy, Curitiba (2000); Museu de Arte e de Cultura Popular/MACP, UFMT, Cuiabá e Museu de Arte Contemporânea/MARCO, Campo Grande (2002); Museu de Arte de Londrina (PR, 2003). Participou de coletivas de arte brasileira em Nova Iorque (EUA, 2013/14).

Como animador cultural, co-organiza a Primeira Exposição de Pintura dos Artistas Mato-grossenses, Campo Grande, 1966; Co-fundador, diretor-técnico e atual vice-presidente da AMA – “Associação Matogrossense de Artes”, fundada em 1967; - Pesquisa temas indigenistas em museus de antropologia para a criação do “Museu Rondon”, Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, Cuiabá, 1973; Co-fundador e primeiro diretor do “Museu de Arte e de Cultura Popular”/MACP/UFMT, Cuiabá, 1973/82; Colaborador nas pesquisas para o livro “Artes Plásticas no Centro-Oeste”, de Aline Figueiredo, Ed. UFMT, 1980 (Prêmio Gonzaga Duque, Associação Brasileira de Críticos de Arte/ ABCA), 1977/79; Primeiro Secretário de Estado de Cultura de Mato Grosso do Sul, 1987/1990; Diretor cultural do Camaleão (casa de shows), Campo Grande, 1991/1992; Gestor artístico do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul/MARCO, Campo Grande, 2002/2005; Coordenador de Artes Plásticas do 1º, 2º e 3º Festival América do Sul, Corumbá/MS, 2004, 2005 e 2006. Com Aline Figueiredo organizou o livro “MACP – Animação cultural e inventário do acervo do MACP da UFMT” (Entrelinhas Editora, 2010); Autor do livro “Pintura e Verso” (Entrelinhas Editora, 2017).

Ainda sobre a trajetória do artista vale destacar a execução dos monumentos públicos: Mural externo “Bovinocultura”, Palácio Paiaguás (edifício-sede do Governo do Estado de Mato Grosso), 3 faces, mármore, granito e epóxi, 371 m2), Cuiabá/MT, 1974; Marco da “Cabeça de Boi” (ferro e aço, 8m), Praça Cuiabá, Campo Grande, 1996; Painel Memórias de Mato Grosso do Sul (328 x 375 cm), Casa da Memória Arnaldo Estevão de Figueiredo, Campo Grande/MS 1997; - Mural externo Bovinocultura - Pavilhão (800m2), Corumbá/MS, 2006; - Monumento Bovinocultura – “O Carro-Chefe” (ferro e aço, 4,5 x 3 x 9m), Cuiabá/MT, 2006; - Marco Comemorativo do Centenário da Imigração Japonesa (aço, 7.20 x 1.60 x 1.20m), Três Lagoas/MS, 2008.

Em 2019 foi agraciado pela Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande – MS) e pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande – MS) com o título de Doutor Honoris Causa pelos relevantes serviços prestados a cultura.



Antonio Cesar Gomes da Silva

Nasceu em Dourados (MS) e concluiu o curso de Letras em 2009, pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. É mestrando do PPG Letras/Unemat – Estudos Linguísticos e Literários, membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras, ASCL ocupando a cadeira 34, seu patrono é Gabriel García Márquez. É professor da rede municipal de Sinop. Escritor de contos, crônicas e poesias, já publicou e organizou livros. Adora ler, mas ama escrever.

SONETO DA ROLETA RUSSA

Ter uma arma apontada para a gente é uma das coisas mais assustadoras que pode acontecer, e se soubesse que entrar nesta farmácia eu estaria de frente com uma destas teria deixado a dor de cabeça se curar sozinha. Mas pior que o risco de a arma ser disparada contra a gente, é obrigarem a gente a atirar em alguém.

Éramos cinco pessoas; dois bandidos, o Poeta e o Carniceiro, dois funcionários da farmácia, o Farmacêutico e a Balconista e eu.

Imagina um assaltante poeta, declama poesia enquanto ameaça as pessoas. Quando eu entrei na farmácia, ele entrou logo em seguida, enquanto o Carniceiro ia encostando as portas. A primeira coisa que ouvi foi uma quadra ameaçadora:

O perigo quando surge informando
Suas regras duvidosas, lamentos.
Ofensiva revela o seu comando
Determina indefensas sem isentos.

Em princípio achei que era uma brincadeira, um artista de rua tentando ganhar alguns trocados. Ele foi ameaçando a atendente para que abrisse a caixa registradora e imediatamente pedi para ter calma. Grande erro meu, o Poeta esqueceu-se da busca frenética pelo dinheiro e com um sorriso mecanicamente insano iniciou sua tortura perturbadora.

“Vou colocar um cartucho, apenas um, numa das câmaras deste revólver”, disse ele, em seguida girando o tambor, assim ninguém saberia se a bala estava engatilhada. Ele queria ver se eu era calmo. Pedi calma, devo ser calmo, ou eu atirava com a arma ou ele atirava em mim. Por que não fiquei em silêncio, provavelmente teria ido embora e a farmácia teria perdido alguns trocados. Antes de terminar meus pensamentos o poeta já estava declamando outra vez:

Seguindo estes momentos, a coragem
Se a vida termina agora, destino
Mas se permanece, outra metragem
A sorte então responde repentino.

O Carniceiro tinha uma fome por sangue, eu sentia a morte só de olhar para ele que dizia atira, atira, atira. Era o Farmacêutico o primeiro a conversar com a sorte, eu não poderia fazer aquilo, no entanto não tinha escolha, poderia atirar no Poeta ou no Carniceiro, mas o outro não me pouparia, a bala poderia nem estar no gatilho, só eu ia perder. Poderia errar o tiro e ele sabia, então me fez colocar o revolver bem próximo à cabeça do Farmacêutico, não tinha como errar. Dava para sentir ele se despedindo da vida, eu via nos olhos dele uma súplica silenciosa me pedindo para não fazer enquanto minhas mãos tremiam com a arma em punho. O poeta fez contagem regressiva, se eu não atirasse o Carniceiro atirava em mim. Então eu puxei o gatilho...

O único barulho que se ouviu depois disso foi um breve clique, o Carniceiro expressava um rosto frustrado, o Farmacêutico ainda viverá para contar a história. O Poeta não resistiu e declamou mais uma estrofe:

Viver mais uma vez é oportuno
Um novo início lhe é agraciado
Não dissipa esta feita, logo é uno

Eu desesperado e aliviado ao mesmo tempo, porém ainda não terminava aí, agora era a vez da Balconista, tão jovem na casa dos seus vinte e alguns anos, tanto futuro pela vida, ou uma interrupção repentina para a morte. Eu pedi para não repetir, o Carniceiro virou em minha direção, imaginei ele perdendo a calma que não tinha e me findando de vez, ele sentia uma vontade decidida de ver alguém morrer.

Meu coração batia cada vez mais forte, e se eu matar alguém hoje? As chances de morte desta moça subiram para 17% nos próximos segundos e as minhas mãos causam esta subida em sua estatística, ela se desespera sem poder fazer nada para fugir deste destino, a tristeza em seu olhar me deixa terrivelmente aturdido, a contagem regressiva inicia, “três”, e se eu atirar em mim, “dois”, de qualquer maneira alguém inocente vai morrer, “um”. Puxo o gatilho novamente...

Outro clique silencia o ar atemorizado, a Balconista tem sua existência restaurada, cai no chão aos choros soluçados, temperado de alívio enquanto o Carniceiro saca sua arma e de súbito atira na direção da moça que pelo desespero passado apenas se paralisa ao ver a marca na parede ao lado de sua cabeça, duas vezes escapou da morte em meros poucos segundos.

O Poeta desta vez, furioso com o parceiro decide mostrar sua capacidade sanguínea e o que não se esperava, quem parte para o outro lado é propriamente o Carniceiro, conseguindo assim alimentar consigo próprio sua fome de sangue e morte. Agora apenas dois restavam a encarar a morte, o Poeta e eu. Neste momento e recita mais uma estrofe de seus pensamentos insanos:

Segue a trilha, o medo foi curado
Quem fica leva o sorriso da vida
O efeito é alegria renascida.

Enquanto o Farmacêutico e a Balconista expectam num canto, desejam que seus papéis estejam finalizados nesta trama, o Poeta esclarece a parte final de seu jogo insano. “Você aponta para você e atira, se tentar contra mim, mesmo que em pensamento e atiro primeiro”, eu não tenho escolha, se eu atirar nele ele me mata, a bala pode não estar engatilhada, só eu perco. Uma confusão espalha em minha cabeça, já não consigo raciocinar acertadamente, neste momento devo seguir meu conselho de manter a calma.

Ele aponta uma arma para mim, sorri enquanto me espera acomodar o revolver em minha testa. Não podia enganá-lo, apesar de desejar apenas um clique, neste instante já nada me importava, tinha aceitado o fim, “três”, resumi toda minha vida até aquele momento, se tinha feito valer a pena, “dois”, todo meu futuro que talvez não sucederia, “um”, neste momento fecho os meus olhos e puxo o gatilho pela última vez...

Ao abrir os olhos, não vi ninguém na farmácia, além do corpo do Carniceiro no chão, pensei estar morto, mas me sentia muito vivo. Em minha mão o revolver ainda sorria esperando uma bala disparar, abri e girei o tambor do revólver, um súbito ataque de riso tomou conta de mim, um alívio maior que a vontade de viver me fez procurar o Poeta que já tinha se evadido. Ele também sabia fazer piada, muito sem graça, mas em algum lugar o assaltante também sofria um ataque de risos, sua piada macabra em nenhum momento foi fatal, pois nenhuma bala estava no tambor.



André Luís Alves Campos

24, bacharel em direito, fascinado por literatura, línguas e pelo estudo da mente humana sua vasta complexidade e possibilidade infinita de interpretação. Como maior inspiração para escrever tenho meus próprios sonhos e juntamente com estes também diversos autores como Lima Barreto, Álvares de Azevedo, Edgar Allan Poe, Nietzsche entre outros.



CAPGRAS

Desde pequeno, nascido grande e forte e criado numa grande casa, me acostumei com as regalias de uma vida tranquila que sempre me favorecia, e que sempre me distanciava de tudo que poderia me trazer perigo, assustar ou me provocar terror.

A família era grande e minha mãe muito prestativa, sempre realizava reuniões e outros eventos afim de unir os familiares e trazê-los mais para próximos de nós. Sempre vi minha mãe como uma criatura doce de um sorriso muito sutil, mas que sempre me passou tranquilidade jamais vista como todas as mães, eu acredito, deveriam ser.

Com o passar dos anos e com um pouco mais de idade, naturalmente toda criança começa com suas pequenas aventuras, e se afastar mesmo que por mínimo de seus pais, mas minha mãe como toda boa mãe sempre ali estava cuidando e olhando de por mim, me transmitindo paz e me consolando quando eu como criança inocente me achava desamparado ou triste.

A partir daqui peço para que creiam em minha mente pois tudo que conto não é nada mais do que vi e senti a partir de uma certa época de minha vida. Por volta dos oito anos, minha relação com minha família começou a mudar, nada anormal para uma criança, mas um pouco introvertido. As reuniões de família começaram a me incomodar, nada insuportável mas levemente inconveniente, não pelos meus parentes inquietos e falantes e as intermináveis apresentações as quais minha mãe me fazia, mas sim a figura de minha mãe. Parecia depois de tantos anos diferente, nem mais triste, nem mais feliz, somente diferente, levemente desconhecida para mim. A confiança que tanto me passara a alguns anos e o acalento que me dava em dias tristes desaparecera e eu a comecei a olhar a minha tão querida mãe como uma estranha.

A tristeza de conviver com uma pessoa que me parecia desconhecida me tornou cada vez mais antissocial e afastado da minha mãe que já agora, não conhecia. A tristeza era enorme e com isso uma depressão profunda me atingiu, procurava me afastar de tudo e de todos e, principalmente da figura estranha que na minha mente se passava pela minha mãe.

Nossa relação se deteriorava com o tempo e a tristeza de minha genitora era clara, ela passou a ficar nos cantos, deprimida, angustiada sem saber o que realmente acontecia de verdade na minha mente. Nossas conversas eram curtas e não levavam a lugar algum, cada vez menos a conhecia como aquela mulher protetora e mãe que tinha me criado e sua imagem quase desaparecera da minha mente.

Minha preocupação e aflição aumentavam dia após dia, não me permitindo dormir mais à noite e quando conseguia era acompanhado de pesadelos terríveis que incitavam minhas mais profundas paranoias e medos infantis. Estava trancado na minha mente com meus medos e com minhas verdades, mas uma certeza eu tinha, algo muito errado havia com a minha mãe e que não era aquela pessoa de anos atrás.

Certa noite de inquietude e pouco sono, resolvi sair do meu quarto e caminhar pela casa de madrugada em busca de alguma coisa para me acalmar e talvez até me cansar e assim me levar ao sono, andando com minhas meias e meus passos lentos e silenciosos pela casa, descendo as escadas, observei aquela que agora tanto me assustava pela grande janela do primeiro andar, parada no jardim observando o nada ou, a entrada da grande adega que havia no jardim da grande casa onde morávamos. Fiquei lá, por muito tempo a observando-a, não se movia e não parecia nada normal. Como alguém poderia ficar tanto tempo fitando o nada pela a madrugada sem motivo algum? Fitando o absoluto nada? nunca soube nada sobre sonambulismo na família, muito da menos da parte dela, parada ali por horas ela permaneceu até o quase amanhecer quando eu resolvi voltar ao meu quarto, totalmente assustado e definitivamente convencido de que aquilo que parecia ser minha mãe já não era mais a muito tempo e minha possível loucura parecia ser muito mais real do que eu imaginava.

Ainda naquela estranha semana, já com o corpo e a mente cansada em uma noite de quinta-feira, não resisti e cai num profundo sono em meu quarto. Tive um terrível pesadelo e junto a ele uma paralisia do sono que me deixou apavorado. Acordei aos gritos de uma criança que chama somente uma pessoa que tem a chamar, quando está em total desespero: sua mãe. Logo a porta entreabre e ela entra com a mesma feição de anos atrás e veio me acalmar, me colocou em seu colo, depois de um longo choro, me fez descer com ela pelas escadas da casa até o jardim e olhar as flores sob o luar. Ainda estava assustado, ofegante e soluçando, mas ainda me parecia tão mais real aquela feição que a tempos não tinha visto que logo minha ansiedade e desespero foi se esvaindo e fui me tranquilizando.

Ela com sua voz doce e seu rosto com uma expressão sublime, segurou minha mão e me levou até a adega onde não só havia vinhos, mas também inúmeros livros. Como toda adega, era pouco iluminada e bastante úmida. A principionão compreendi o porquê, mas já tinha minha mãe e minha confiança recuperada, meu medo já não existia mais, tudo havia pelo que parecia voltado ao normal, então sequer questionei o porquê de estar naquele lugar que a dias atrás me fez estremecer quando a vi parada, olhando por horas a fio.

Ao descer as escadas, vi diversos livros sobre a mesa, muitos sobre medicina e psiquiatria, garrafas de vinho vazias e algumas taças, havia luzes apagadas, então minha mãe me disse para aguardar a mesa enquanto ela iria ligá-las. Ela virou-se e caminhou até o corredor onde ficava todo o controle das luzes. No momento em que ela desapareceu pelo corredor, meu coração disparou e minha mente simplesmente começou a se questionar sobre tudo que eu havia cogitado por meses, anos e, principalmente, na últimasemana. Meu medo retornou e com ele minha dúvida e minha estranheza e total desconhecimento da figura que agora estava comigo numa adega fechada sob luz baixa; minhas pernas estavam trêmulas, pensei em correr, mas o medo me impedia de me levantar e, de imediato, as luzes se acendem fortes e ofuscantes. Voltei-me ao corredor, esperando inutilmente que minha mãe, aquela que me acompanhou, voltasse, mas como imaginei quando as luzes bateram em seu rosto, ele era o mesmo rosto conhecido dela, mas com certeza minha mente jamais me enganaria, não conseguia associá-la mais a figura de minha mãe porque não era ela. E me vendo tremer em situação praticamente de pânico, ela se aproximou de mim de forma rápida, diferente de como faria antigamente e segurou meus ombros, com força, me questionando o que havia acontecido e o que estava acontecendo, o que ela havia feito e por quê eu tinha mudado tanto, comecei a chorar, desesperado sem conseguir mexer meus braços com facilidade, peguei o objeto mais próximo possível, uma taça e a quebrei no rosto da impostora que se dizia minha mãe. Esta agressiva, me empurrou da cadeira, cai no chão e corri desesperadamente, porém de forma inútil foi pego por um dos funcionários, que com certeza estava conspirando junto a ela.

Hoje, de onde escrevo, tenho pouca luz como tinha aquela noite na adega, mas as paredes são brancas e acolchoadas e a luz do sol é vista por mim por uma pequena janela com barras grossas, de onde eu consigo ver somente um pátio e algumas pessoas de roupas tão brancas quanto as paredes do quarto, onde eu fico o dia todo, às vezes caminho pelo corredor, porém não reconheço ninguém.

Recebo cartas de minha mãe, da verdadeira, ela pouco fala sobre o que realmente aconteceu, sobre porque desapareceu ou quem era aquela pessoa em seu lugar; suas palavras são vagas, mas conversamos muito ainda mesmo por cartas. Meus médicos ou carcereiros dizem que não posso vê-la. Mas espreitando uma conversa em meu pouco tempo livre, ouvi dizer que eu não a reconheceria e que me faria mal, jamais compreendi tal afirmação e o porquê de ver o rosto de quem me fez tão bem na minha curta infância, me faria tão mal.

Ainda estou aqui, resido trancado nesse lugar, sem saber porque e talvez nunca saiba, pois além da prisão física, minha mente já parece ter me aprisionado e a saída talvez não exista.

**Gabriel Eduardo Ribeiro Crispim**

É um estudante de Letras e entusiasta pela leitura e escrita de contos e poesia mórbida. Entre seus objetivos quando escreve, busca criar histórias instigantes que causem verdadeiro interesse nos leitores e os convidem a repensar o modo de vida que as pessoas levam no cotidiano ao estabelecer choque com a ficção. Aspira publicar textos que tenham impacto na vida de quem o leia, seja positivo ou negativo.

Aviso

Eu não sei o que me tornei, mas muitas vezes não respondo mais por mim. Um espírito maligno está se apossando de meu corpo. Assim sendo, deixarei esta última marca de minha ainda existente consciência como forma de livrar outros de meu terrível destino. Largarei esta mensagem pela maldita janela. Aquele afortunado que deparar-se com esta carta, tome meu conselho: afaste-se deste casarão!

O VULTO DO CASARÃO

Se você ainda assim enfiou-se neste maligno covil, então me entristeço em dizer que se encontrou com o mesmo destino cruel que o meu. Já que não temos escapatória, obrigo-me a aceitar este destino, com pesar, mesmo sem entender bem o que nos aconteceu; contudo, nestas minhas últimas palavras, escreverei sobre mim, um homem normal que foi envolvido nesse local de todo anormal. Eu quero registrar o meu fim.

Por outro lado, em uma perspectiva otimista, se, por algum motivo, este bilhete saiu desta casa e você, felizmente, o encontrou sem nunca por os pés neste antro da vileza, eu desejo assim mesmo compartilhar o meu infortúnio e esperar que, desse modo, ninguém nunca mais se aproxime deste casarão.

Não vejo fuga de minha prisão e, devido a isso, encontro, ao lado deste pútrido cadáver que me assombra, forças para registrar a minha história. Mas não estou mais assustado, triste ou agoniado. De fato, passados o desespero e o frenesi que senti há pouco, percebo-me agora em apenas uma apatia e um dissabor os quais nunca antes experimentei. Talvez eu esteja sumindo de mim mesmo cada vez mais. Tomarei proveito deste estado para calmamente expressar o fenômeno inacreditável que me ocorreu.

Havia me mudado para esta pequena cidade há pouco tempo atrás. Ou há muito. Ainda me recordo das primeiras simplórias impressões que tive a respeito dela: é sempre úmida, seus edifícios todos aparentam velhice e descuido e o seu ar é tão límpido e facilmente inalável, livre de fumaça e fuligem, quanto desprovido de cabos elétricos, estes que eu costumava achar sempre acima das cabeças em minha antiga moradia. Aqui a tecnologia existe como hoje existe em qualquer lugar, mas é pouca, é limitada. Eu vinha para um local ignóbil assim em busca de refúgio da loucura das grandes cidades urbanas, onde passara a maior parte da minha vida – com exceção da infância, a qual vivi numa vila do interior ainda mais insignificante que a cidade em que agora me estabeleço. Sequer ouvira falar desse recanto alguma vez antes, mas, ao me ver farto de meu fluxograma cansativo e não recompensador, impulsivamente toquei-me para a primeira cidade desinteressante que encontrara no mapa, com as migalhas que ainda me restavam do que devia ser meu prêmio monetário mensal.

Com minha bagagem curricular trazida por anos de experiência não reconhecida, da qual faziam deveras descaso antes, fui rapidamente cobiçado pelos poucos empregadores da comunidade. Aceitei um trabalho qualquer em um escritório. Aluguei uma casa no bairro mais bonito e menos envelhecido da cidade, não por estética, mas por ser próximo do meu posto de trabalho. Como a cidade é pequena, tinha um só caminho para chegar até o emprego, que passava por certa rua também muito bonita, mas de alguma forma suja em sua natureza mais entranhada. Fato é que sua beleza compromete-se pela podridão em sua atmosfera e a aura repulsiva que se aloja junto a ela. Há, no local, um odor insuportável, resultante da mistura de carniça, álcool e qualquer outra coisa ruim que se tem em seus becos. Estas poderiam ser razões suficientes para uma pessoa se afastar do ambiente, mas existe, além disso, um defeito último nele todo. Há um aspecto característico de abandono, sentimento lúgubre como só a solidão pode ser. A verdade é que as pessoas evitavam passar por aqui, porque é neste antro sórdido que está o chamado “casarão abandonado”. O casarão abandonado, em que me encontro neste momento, escrevendo este testamento.

A princípio, a despeito dos traços aversivos relacionados a esta rua, não havia nada muito incomum acontecendo aqui, nesta casa em questão, que rechaçasse os passantes. Ninguém ouvia vozes vindas dela ou algo assim. O maior temor sentido era por aqui ter morrido, pouco antes de eu me mudar para a cidade, o antigo morador do imóvel. Isto dava aos transeuntes uma sensação funérea, um mau presságio. As pessoas simples deste lugar simples acreditavam que trazia azar aproximar-se de onde alguém morreu, era assim o meu pensamento sobre a questão. Eu achava isso tolo, até o destino pregar comigo a terrível peça.

Descobri que havia, sim, algo de extraordinário relacionado a este casarão, uma coisa que só eu conhecia. Toda vez que me via forçado a passar em frente a esta rua, a pé e solitário, a caminho do serviço, via um vulto numa das janelas do segundo andar. Assustado, diminuía os passos à medida que acelerava os batimentos cardíacos. Em seguida, percebia a figura adentrando a casa, como se fugisse de meu olhar indiscreto. Não sabia o porquê, mas aquilo me afligia mais do que seria natural. Era um espanto aquele encontro inesperado com um tipo indistinto o qual interrompia meu trajeto que, em outras condições, seria tranquilo. Não era somente um susto, era uma sonda; os olhos secretos daquela coisa que devia ser uma pessoa filtravam-me o interior de maneira intensa e sem acanhamento, para então deixar-me, em silêncio. Por aquele ser estranho sempre se esconder, nunca havia chegado a vê-lo, porém, como mais do que um vulto, uma sombra indistinguível. Isso acontecia desde que começara a passar por esta rua... não me lembro de há quanto tempo com exatidão.

De início, buscando a prevalência da razão sobre a emoção, pensei ser ele apenas um novo comprador do casarão, um bisbilhoteiro qualquer, e, com essa hipótese em mente, não me preocupei muito mais com o evento, podendo enfim acalmar-me. Mas tal acontecimento era recorrente e me perturbava de forma cíclica, dia após dia, a ponto de eu perder minha noção temporal. Parecia-me que acontecia há meses, mas para externos poderiam ser, de fato, apenas dias. Talvez um ou dois só. Mas esses poucos dias atravessando a rua do casarão abandonado perturbaram-me como vários dias maçantes na cidade grande jamais perturbariam.

Não obstante, a irritação maior vinha depois. Após o vulto fugir para o interior do cômodo, eu retomava meu ritmo habitual e seguia meu caminho. Porém, ao passar em frente à porta do casarão, percebia a maçaneta girando. Em conjunto, todos os meus sentidos focavam naquele movimento giratório; via, ouvia e sentia como se algo estivesse querendo sair de lá. Algo oculto aos meus olhos, mas perceptível aos ouvidos, fétido ao nariz e temeroso ao resto. Algo ruim. Apressava novamente os passos, desejando distância daquele lar de uma desconhecida e inimaginável entidade. No entanto, por algum motivo, toda vez que eu ultrapassava o casarão, me sentia compelido a olhar de volta para ele. E lá estava novamente a coisa, observando-me outra vez do segundo andar. Um terror adicional existia na segunda face daquilo, pois, nesta, a boca escancarava-se em um grito que era inaudível, mas totalmente arrepiante. A este ponto, somente me lembro de correr. À noite, quando retornava por aquele caminho, isolava-me em quaisquer pensamentos fúteis que pudesse, forçando-me a ignorar a presença do casarão.

O ciclo durou por muito tempo. Era como um ritual já previsível, mas nunca esperado e sempre amedrontador. Os dias se arrastavam comigo esperando pelo fim de semana, quando não precisaria ir ao trabalho e, por feliz consequência, não precisaria passar por aquela rua perturbadora. Certa vez, ao cogitar que a maldição não podia ser castigo só meu, mencionei aos meus colegas de trabalho este estranho casarão. De início, pedi apenas informações sobre o local, de forma que talvez manifestassem semelhante irritação em relação a ele, caso também enfrentassem a mesma assolação que para mim era fato diário.

Fora-me dito pouco mais do que eu já sabia. Descobri que o antigo dono do imóvel amaldiçoado, semanas antes de sua morte, agia de forma paranoica e falava sobre estar sendo assombrado por algum tipo de espírito, sobre estar sendo vigiado. Por medo ou por descaso, as pessoas não lhe davam ouvidos, e o homem, portanto, se resignou e parou

de interagir socialmente por completo. O comportamento estranho, no entanto, persistiu; esgueirava-se pelos cantos como se fosse vítima de uma perseguição maligna. Após algumas semanas de tormento, ele, por fim, trancou-se no casarão e se matou em seu quarto.

Assustado, perguntei aos meus colegas se tinham fotos do homem. Ao vê-las, senti estranheza. Não parecia com ninguém que eu conhecesse – e naquele momento não sabia ainda por quê, mas eu esperava que parecesse –, no entanto trazia uma desconcertante familiaridade simultaneamente, trazia certa nostalgia que, devo confessar, não era boa. Porém, não era ninguém que eu conhecesse, realmente.

Após um momento isolado de reflexão, mais tarde, entendi que naquele homem da foto eu procurava algo que me lembrasse do vulto, da coisa no casarão, e era esse o motivo da minha decepção ao não reconhecer a imagem da pessoa que, tão contraditoriamente, parecia-me conhecida. Insatisfeito, investi em uma última tentativa de obter mais informações sobre a história toda e, perguntando sobre ela a qualquer um com quem me deparasse pelo caminho, tomei conhecimento de um fato assombroso sobre aquele casarão e aquele homem, fato o qual viria a me tirar o sono, o qual acabou por me distanciar mais da satisfação buscada na investigação, conforme me aproximou do arrependimento pela minha obstinada curiosidade. Pressenti que o futuro reservava-me qualquer desfecho horripilante. Mas, ainda assim, minha ânsia pelo entendimento tomava-me o senso cada vez mais, tirava-me a razão e deixava-me apenas a vontade de ir adiante, mergulhar-me.

No dia seguinte, fui comandado por uma força sobrenatural a ir em direção ao fim da estrada que até então vinha seguindo, a passar pelo que eu sabia ser a minha última vez pela rua do casarão abandonado e assim finalizar o meu tormento, fosse como fosse. Aquela manhã cinzenta e neblinada foi diferente de todas as outras. Eu segui pelo caminho habitual em direção ao final desta estranha história, porém, o diferencial deste dia foi a inércia. Foi com ela que me deparei na janela.

A coisa não se moveu. Não se escondeu no quarto ao ver-me, como era o seu costume. Dessa vez, ficou parada à minha espera. À medida que, inevitavelmente, como que sugados por um sentimento incontrolável de curiosidade, meus pés me empurravam para frente, a luz do sol caía sobre a janela daquele quarto, revelando gradualmente e finalmente a face da misteriosa figura. Seus olhos brilhantes agora pareciam mais reconhecíveis, próximos de uma coisa mais humana, porém ainda a uma distância desconfortável do que faz uma pessoa ser uma pessoa. A luz que tocava aqueles dois círculos de familiaridade inexplicável redirecionava-se a mim de forma fixa e contínua. Aquilo que se tornou um homem de cabelos grisalhos e bagunçados fitava-me ereto e estático, como eu fiquei logo em seguida.

Eu parei. Qualquer que fosse a parte de minha mente que antes permitia movimentos voluntários, agora cessava o seu funcionamento, entregando-me a um deprimente tremelique. Naquele momento, eu parei como se estivesse morto, desparecido, e só me sobrasse o corpo a balançar. Mas aqueles olhos persistiam no flerte, convidando-me a entrar enquanto saíam de vista, ao enfim adentrarem o recinto. Nada pude fazer senão segui-los.

Adentrei de uma vez o casarão pela porta que talvez nunca estivesse trancada, que talvez não fosse aberta pela criatura moradora, não por incapacidade, mas para que me chamassem a atenção seus movimentos estranhos e me fizessem ir até lá eu mesmo. Pois foi exatamente isso que aconteceu. No interior, não percebendo mais o inconspícuo ser que me guiara, meus olhos buscaram os degraus da escadaria que levariam as pernas até o segundo andar, onde esperavam encontrar o seu condutor novamente. Encontrando-os, subiram-nos de imediato, mas pararam de face a outra porta, ainda mais sombria e misteriosa que a de entrada. Era a do cômodo do segundo andar, de onde fui observado nos dias anteriores e que, como vim a descobrir mais cedo – a descoberta assombrosa que me tirou o sono –, era a do quarto o qual servia de dormitório para o antigo morador. Eu sabia, jurava por tudo, que neste mesmo momento estava nele o falecido. Estava nele o vulto.

Os instintos enganaram-me, porém, uma vez que, ao entrar, não encontrei à janela ninguém, como esperava encontrar. Eu estava abandonado no casarão. Decidi ir à janela e procurar algo lá fora, quando vi um homem, algum passante qualquer que vinha da mesma rota da qual vim; subitamente, retomei algum juízo e, lembrando-me que não devia estar ali, recuei de volta para dentro. Em seguida, dirigi-me correndo à saída com o intento de não ser acusado de arrombo. E é assim que acaba a minha história passada, chocando-se com meu ponto atual, pois que não consegui abrir a porta e vi-me preso neste inferno indescritível que é o casarão, no qual estou há não sei quanto tempo. Ainda naquele dia, tornei a correr para o quarto do segundo andar e olhar uma vez mais pela janela, quando deparei-me com a visão mais aterrorizante que já tive: era novamente o homem passante, agora vestindo as mesmas roupas que eu vestia, tendo a mesmo aparência que eu tinha, sendo tudo o que eu era, com exceção dos olhos brilhantes e perturbadores que reconheci da foto que foi-me tão familiar anteriormente. Os olhos do vulto. Plenamente espantado, abri a boca, mas não consegui gritar. Foi então que notei os cadáveres ao meu lado, empilhados em incontáveis corpos sem face.



Willian Vinicius Cavalcante Fernandes

Nasceu na cidade de Juína – MT em 1996, ao longo da sua vida artística participou, no ensino fundamental, da confecção e redação do livro "Tudo é Poesia", o qual contém suas primeiras poesias. Também participou da em 2013 da 10ª edição do FETRAN (Festival Estudantil Temático), na qual atuou como Narrador/Velho John na peça "Entre o Amor e a Imprudência" (de Brendha Ponciano), sendo indicado e vencendo a categoria de melhor Ator Infante-Juvenil da Etapa Teles Pires – Sinop-MT. No ano seguinte, participou da 11ª edição do FETRAN – ETAPA Guaporé – Pontes e Lacerda-MT. Atualmente cursa Direito na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá.

SPIKE

A tarde de sexta-feira se estendia naquela metrópole brasileira, já era fim de expediente estendido ao horário de verão que passaria a noite, mas com o céu que ainda se dizia de dia. A porta do apartamento abriu e o seu morador entrou carregando em sua mão esquerda diversas sacolas e na outra que abriste a porta foi a mesma que fechou. Correndo de um, dos dois quartos, ao som do barulho que fizera a porta, veio um cãozinho de pequeno porte da raça *Pinscher*, pesado uns 4 à 5 quilos, de 15 cm de comprimento, com uma altura de 25 cm até a cernelha, corpo preto que se misturava a um branco estendendo-se do traseiro até o pescoço onde uma nova cor, o marrom, se misturava as outras duas e se esticavam juntas até o seu focinho preto. Chegou perto do morador, o pobre cão que pulava três vezes mais alto que sua própria altura em volta de seu dono latindo com alegria a sua chegada de mais um expediente, e ficava ao redor a pulos e pulos cada vez mais altos a medida em que seu dono lhe chamava pelo nome.

- Spike, Spike, Spike.

Abaixou-se então o dono à altura do cachorro para lhe fazer um carinho na cabeça que pelo cão foi bem recebido. Levantou-se a postura anterior e dirigiu-se até a cozinha que se juntava a sala sem divisão chamada de cozinha americana, pôs as sacolas que carregava sobre a mesa. Spike, esperto de tudo que era, subiu em cima do sofá com curiosidade de ver o que havia nas sacolas, esperava que de umas delas o seu dono lhe desse alguma guloseima como era acostumado a fazer todo dia, mas dessa vez foi diferente, das sacolas saíram coisas que seu dono nunca comia, eram frutas, legumes, vegetais, granola, essas coisas *lights* que dizia os humanos. Comida estranha era aquela, havia algo de diferente, e realmente tinha. Seu dono a partir de agora mudava a alimentação tão repentinamente, passaria a comer algo mais saudável, eliminaria de suas refeições todos aqueles *hambúrgueres*, batatas fritas, refrigerantes, empanados e seus derivados de frituras que se chamavam Fast Food e que tanto estava acostumado a ingerir e a dar pedaços a Spike. Tudo isso aconteceu a pedido da médica que o diagnosticou com colesterol alto acima do normal, ocasionado pela sua obesidade. Além da alimentação, ordenou que caminhasse meia hora todo dia, e foi isso que fez.

Após guardar suas compras, tirou da última sacola uma caixa com um tênis novo para ele, uma guia e uma coleira para Spike. Decidiu que o levaria para fazer companhia em suas caminhadas, colocou-lhe os apetrechos que o cachorro estranhou, afinal nunca haviam o metido numa coleira, ainda mais, nunca tinha saído para passear ou caminhar, o que era o caso ali. Seu dono o tomou pelo braço, pois não se permitia a circulação de animais pelo prédio. Tomaram o elevador e saíram pela entrada do prédio. Assim que pisaram na calçada, seu dono o pôs no chão para começar a andar até o parque que era a cinco quadras dali. Spike ficara doido com a coleira, mordida a guia e puxava com toda a sua força para tentar se soltar daquilo, coitado, era seu primeiro passeio, era normal estranhar aquilo que seu dono lhe pusera para o controlar.

Por onde andava, Spike ficava atento a todo barulho, aos carros que na rua passava, as pernas das pessoas que iam e vinham na sua direção, tudo era novo para aquele pobre cão que tinham as orelhas esticadas ao alto no máximo que lhe era possível, queria ir atrás de todo aquele barulho que escutava, tudo era recente a ele. Algo infernal, aquele som de trânsito misturado com o falatório de pessoas nos pontos de ônibus e nas calçadas, atormentava o coitado do cão que nunca ouvira tamanha confusão em seus tímpanos. O apartamento onde seu dono morava era totalmente sedado ao barulho, apesar de Spike ter crescido no prédio, que de fora era a mercê deste turbilhão de sons, de dentro do apartamento os únicos sons que Spike escutava era o abrir da porta e o que a TV fazia.

De repente chegaram ao parque, Spike se sentiu mais calmo, agora era sua visão que lhe chamava tamanha atenção ao ver tudo aquilo que chamavam de parque. Seu dono se pôs a caminhar na pista que era de concreto, na lateral direita era tudo da grama mais verde que já havia visto, ia Spike por ela andar guiado pelo seu dono que segurava a guia. A cada 10 metros uma árvore e uma lixeira que o cão cheirava e com instinto que sentia levantava uma das pernas traseiras e se colocava em tudo aquilo que era vertical a urinar, já lhe faltava esse líquido em sua bexiga para cada local ele marcar, pobre cachorro, que aquele lugar para ele era desconhecido. Houvera nascido em uma fazenda muito distante da cidade, aos dois

meses de vida fora separado de sua mãe e da natureza, posto como algo despejado em uma vitrine de um *Pet Shop* de um *Shopping* da grande metrópole Cuiabá, tabelado a um valor de compra a espera de alguém para lhe comprar. Até o dia que seu dono de fora da loja o viu e o adquiriu para lhe fazer companhia. Agora, aquele homem branco e gordo de um metro e sessenta e seis, solitário, depressivo, com 31 anos que dedicou tanto a sua carreira de economista, nunca teve esposa e nem filhos, era Spike sua única família. E assim, o cão foi para o seu novo lugar morar com seu dono em um apartamento de 31m² no décimo oitavo andar de um dos mais luxuosos edifícios do centro norte da capital. Spike tinha de tudo naquele apartamento, uma cama quentinha, comida, água e todo o conforto que quisera um cão, porém não tinha a liberdade que outros cães tinham de correr sem barreiras, pular, brincar e de sentir a chuva e o sol, mas agora, Spike estava no parque e sentia como era a vida fora daquele apartamento. Voltou a ver e reconhecer a natureza que era reproduzida naquele parque imenso, sentia o sol e a liberdade de andar sem barreiras, exceto pela guia presa na coleira que o prendia. Contudo, após certo tempo de caminhada seu dono concedeu a liberdade para Spike andar sem ser guiado, desprendendo a guia da coleira, deu ao cão a liberdade de dar seus passos, desde que ao seu lado, que continuou a caminhar. O pobre cachorro se mostrou comportado, andava ao lado do dono, as vezes com passos mais adiantados, outras vezes com passos mais atrasados. Cheirava tudo por onde passava, a grama, as lixeiras, as árvores, os bancos, as luminárias. Era uma festa de cheiros ao seu olfato que automaticamente por seu instinto reconhecia tudo aquilo. Mas de repente Spike se adiantou mais do que devia, deparando-se com um cachorro sete vezes maior que ele, pôs-se a ataque com fortes latidos contra aquele outro que veio com tamanha brutalidade como quem quer matar. Seu dono ao perceber toda aquela cena, foi ao seu encontro e o tomou pelo braço. O coração de Spike batia descontroladamente como se quisesse por sua boca sair. Se afastando daquele lugar, seu dono o colocou novamente ao chão, todavia, a guia já estava de volta em sua coleira. O pobre cachorro sentiu-se triste e preso novamente pelo seu dono, suas orelhas se abaixaram como se sentisse que não poderia andar livre novamente. Após alguns minutos seu dono percebeu que ele já não era mais o mesmo de a poucos minutos atrás. Para Spike que sentiu a liberdade voltar para aquela guia era o pior castigo do mundo. Então, para o ver alegre novamente, o seu dono o soltou, e a pulos Spike correu indo e vindo na direção do dono. Tudo era festa mais uma vez, a liberdade era sua alegria. O tempo daquela caminhada foi passando, quando se viu, já havia passado os trinta minutos de andança. O dono de Spike o chamou, quando ele voltava um lagarto passou em sua frente na carreira, o cão por instinto se pôs a persegui-lo desenfreadamente pelo parque, pobre Spike, não sabia que aquele réptil era mais rápido do que ele, mas também, nunca havia corrido atrás de um lagarto em sua vida, aquele era o seu primeiro. Enquanto isso, seu dono corria atrás chamando pelo seu nome, mas Spike estava encantado por aquele animal que rastejava em grande velocidade e enfeitado não escutava seu dono o chamar. O cão correu até o lagarto sumir pelo parque a fora, cansado, ele desistiu de sua perseguição voltando o caminho perseguido atrás do cheiro de seu dono, andou cerca de trinta metros e o viu esticado ao chão, Spike correu desvairadamente em sua direção, chegando, o lambeu com a maior alegria, como se estivesse agradecendo ao dono pelo passeio, mas ele não se mexia. Spike percebeu que algo estava errado e começou a latir, pessoas que ali também caminhavam viu o homem caído ao chão, correram até lá na esperança de poder entender o que acontecia, o dono do cachorro estava esticado com o corpo gelado, imediatamente ligaram para emergência que a poucos minutos ali chegou. O pobre cachorro estava desesperado, seu dono não respondia aos seus latidos. Mais ainda ficou ao ver os socorristas o levarem em uma maca para uma ambulância que saiu em alta velocidade que o pobre cão não conseguiu acompanhar nem na metade do parque. Seu dono morreu a poucos quilômetros dali. Ele havia sofrido um AVC quando correu atrás do cão para impedi-lo de pegar aquele lagarto. O sol descia no horizonte e a lua já apontava no céu, enquanto o pobre cão no parque latia como quando foi separado de sua mãe. Agora Spike era um órfão que ganhou a liberdade para viver aquele mundo fora do seu apartamento, mas ir para onde quando não se sabia nada? Decidiu ele que ficaria à espera daquele que não voltaria mais.



Caio B

É o nome literário de Carlos Benedito Pinto. O autor é professor de Língua Portuguesa e Inglesa no Ensino Médio e Fundamental. Graduado em Letras e Publicidade pela UFMT e Mestre em Estudos Culturais pela FCA-ECCO-UFMT, pesquisando a circulação do Siriri e do Cururu no contexto rural e urbano na Baixada Cuiabana. Atua como Servidor Público do Estado de Mato Grosso, exercendo as funções de professor, diretor escolar e coordenador pedagógico, desde 1998. Multi-instrumentista, atua, ainda que esporadicamente, na cena de música alternativa autoral da baixada cuiabana, compondo e apresentando com o nome artístico "caio.b". Nesse mesmo contexto teve outros projetos musicais como "exmachinna" e "malesdeanto". Nascido e vivendo na cidade de Santo Antonio do Leverger, que chama carinhosamente de "Vila", ama as manifestações culturais populares assim como a cultura urbana alternativa.

DESTINO

– Num dizem que Ele sabe di tudo que vai acontecê?

Olhei para a direção de onde saía aquele enunciado. Fitava-me com olhos pesados, demasiadamente fixos, aquele senhor com um chapéu de lona gasta que lhe tapava boa parte do seu rosto curtido de sol. Aqueles olhos, ébrias janelas-vivas, inquirindo-me resposta rasteira, retórica, salivar. Descansei o meu copo de cerveja morna no balcão e polidamente murmurei um ríspido 'sim-boa-tarde-de-nada' padrão inferindo-me que tal resposta fria pudesse provocar desconforto suficiente para repelir aquele senhor encardido de vida, livrando-me de uma possível impertinente prosa.

– Acho que Ele deveria prevení nós de fazê bobáge, já que Ele sabe di tudo. Num acha?

Fiquei meio sem jeito com aquela conversa. Fiz-me de tonto. Tinha uma quantidade considerável de infortúnios para resolver naquele resto de dia e estava simplesmente mais bêbado que o planejado. O que eu menos desejava naquele momento era entrar em uma disputa religiosa, política ou filosófica. Justo eu que nunca me dei ao trabalho de imaginar como deuses ou filósofos poderiam me ajudar! Nesse tempinho de mundo vivido percebera as tantas coisas que as pessoas podiam fazer em nome da filosofia, política ou da religião! Aguar uma tarde, estragar um dia, ferrar uma vida, detonar uma comunidade, destruir uma cidade, exterminar uma etnia, inventar um continente... A mente estava itinerante, regozijante até. Tudo corria célere e alcoolizado. O que eu menos desejava ali era algum ideal fastidioso... Talvez esse seja o calor deste injustificável caldeirão no meio de um país tropical, onde uma garrafa de cerveja, mesmo saindo do freezer, jamais ficará devidamente condicionada, onde mesmo o mais potente aparelho de ar-condicionado, funcionando em pleno vigor, conseguem climatizar alguns lugares. Já procrastinava meia hora da minha injustificada existência ali. Desprezava silenciosamente aquela presença impertinente. Um destino! Ele desejava uma régua para o seu destino! Como se o ente mais poderoso na sua mente, criador dos céus e deste pontinho azul no imenso cosmo, tivesse a obrigação de ajudá-lo a controlar o seu livre arbítrio!

O seu olhar pesado e fixado em mim causava-me uma agonia inexplicável. Minha visão periférica instintivamente tentava capturar algo que me aliviasse daquele desconforto. Ele ainda perscrutava... Esperava... Senti-me invadido, sensação excruciante, por aquela figura esperando uma reposta alentadora que realinhasse sua existência. Talvez eu conseguisse uma resposta adequada aos seus anseios ele sumiria daqui...

Meu olhar desfoca e se perde ao fundo onde se acomoda uma garota que destoava completamente do ambiente. Voltei o foco àquele rosto árido e sofrido, em primeiro plano, e questionei-me: "Para onde diabos foi o tempo quando simplesmente reclamava-se do tempo para puxar assunto?"

- Acho que sim, - precipitei incauto - Já que Ele sabe que algo vai dar errado, custa dar uma mãozinha a um filho dEle? – Apostei.

Virou para mim rindo amarela e desdentadamente feliz. "Pronto, emplaquei uma resposta apropriada", presumi.

- Também já tava passano do limite. Aquele puto me tratava como um cão. Mandeí ele tomá naquele lugá. Agora tô pensano nos meu. Como vou chegá em casa e contá?

Peneirei as informações e, aproveitando a oportunidade de ângulo para focar na figura de moça clara que apreciava seu suco ao fundo, fiquei na dúvida sobre o que responder. Dou-lhe todo aval divino e encerramos as questões, chorando? Entro numa quizila marxista e terminamos nossa conversa de filosofia de bar, revolucionando? Pago-lhe uma dezena de bebidas e dou-lhe uma solução vespertina para a vida, enganando-nos? Inferi que ela tinha seus 19 a 23 anos. Não era uma beldade nos termos midiáticos, o que nunca me importou de verdade, mas denotava uma estética que encantava meus olhos. Tinha, além da beleza, uma força que não se resumia ao aspeto físico, apesar deste deixar-me anestesiado. Essa força chegava, até meus sentidos gastos, de uma forma arrebatadora. Prendia-me como se eu fosse um animal não orgânico. Uma singularidade mecânica, intelectual e selvagem. Iludia-me a ficar ali olhando-a. Por isso mesmo decidi delongar a conversa com meu interocular para ficar ali para prolongar a sensação.

- Mano, essas coisas acontecem mesmo! Fica assim não! Há males que vem para o bem! Quer tomar mais uma comigo?

Ao enunciar essa frase, enunciando-a dessa forma, aportou-me um agudo arrependimento. Mas estava engajado na minha nova empreitada de ficar mais algum tempo admirando aquela figura de piercings e cabelo de franja laranja. Sentia-me absurdamente idiota. Nada me faria desejar tocá-la, pensava. Nada. Apenas apreciar... Parecia-me uma programação robótica! Um quase que décimo primeiro mandamento! Um destino!

-Opa! Brigado! Tava precisano de tê alguém prá conversá.

Senti-me estranhamente confortável com aquelas palavras. Estranho eu sempre me sentir uma espécie de encontro entre vários mundos e ao mesmo tempo não participar de nenhum mundo. Sedimentei algumas verdades pessoais contínuo, porém a sentir o mundo pulsando em inúmeras outras verdades que reluto a desconsiderar. “Sou egoísta, quero tudo isso pra mim...” Parece até um brado juvenil pichado em alguma parede de alguma instituição educacional juvenil. Enunciado ardente, ansiando logo a fase adulta que, para o bem ou para o mal, define alguma finalidade para esta única e patética existência. Entretanto trata-se apenas de uma frase mal escrita por mim mesmo, um verso longínquo que nunca irei lhe mostrar, caro provável leitor. Aquela distante aventura literária imatura revelando, numa sintaxe errante, uma agonia na relutância de ser, (e) simplesmente ser. Acredito que todo mundo já aventurou escrever para aliviar a existência, sintomaticamente sem razão. Vamos botando motivos no caminho tirando e isso é bom! Invejo alguns sortudos que se acham que são predestinados, abençoados e iluminados. A última bolacha do pacote. Ah, pudesse eu estar abrigado por essa reforçada estrutura óssea, dessas abençoadas vísceras, rígidos músculos, nessa delicada pele... De estar sentindo esses fluidos hormonais de regularidade e equilíbrio de mecanismos suíços mover dentro de mim... Inveja desses iluminados! Cheios de tantas verdade, cheios de tantas certezas! Mas sou doente, esquelético, desengonçado, bipolar e, sem nenhuma explicação. Muito triste.

Chamei a atendente, pedi mais um copo e mais uma cerveja. Tomando um gole, surpreendentemente eficaz, tentei puxar um papo mais confiante com aquele ser que esnobava a sociabilidade meteorológica.

-Tem feito um calor, hein? Ainda bem que existem brejas pra refrescar!

- Tá um calor dos inferno memo! Ainda bem que saí daquela construção. Onde já se viu? Nem sombra tinha!

- Com o tempo a gente acostuma. Tá quente em todos os lugares mesmo. Eu vou pro sítio hoje e lá é muito quente.

Ainda bem que tem umas mangueiras... o rio...

- O sinhô tem sítio? Que baum! Faz tempo que não vô no sítio do meu irmão! Também aquele porquêra ficô rico e esqueceu da gente!

- Não é bem sítio... É um terreno meio grande na beira do rio com uma casinha que ganhei de meu pai. Desço algumas vezes lá no final de semana. Hoje tenho que ir pra resolver o negócio da bomba senão o pessoal lá fica sem água. Estou esperando abrir a oficina onde mandei consertá-la.

Aquele sujeito estava vivendo uma briga interna com uma claridade de mil sóis. Não queria que a ideia uma disputa de classes me levasse ao desespero novamente. Mesmo porque aquela cor de pele brancamente perfeita para as tatuagens que pululavam na minha mente, a natureza tanto biológica quanto espiritual, da minha visão, escravizava-me naquele ambiente. Ficava focando e desfocando minhas pupilas num prazeroso jogo.

- Mas o senhor pesca lá? Faz tempo que não pesco. Antes eu costumava ir com meu fio pra bêra do rio...

-Pesco sim. Vou com meus amigos. Mas por que você parou de pescar? É tão bom! Nem precisa pegar nada, não. Só de olhar as águas moverem já me sinto aliviado. É como se as águas levassem todos os meus problemas. Convida ele! Poderíamos pescar algum dia lá, oras...

- Num dá não. O tempo que tenho quero relaxá, tomá umas. Trabaio muito pesado com o tempo deixa gente preguiçoso pra fazer essas aventura que cansa a gente ainda mais. Notro dia fico um caco se farreá o dia intero. Numa aguento mais farrá. Cabô o home! Ainda fui umas vez com meu fio, mas ele cresceu agora e só quer sabê de festa. Os menino de hoje em dia num qué sabe de coisa de gente veia, da roça, do sítio. Qué sabê desse negócio do fanqui, zapzap...

Ficava olhando a boca dele mexendo sem prestar atenção nas palavras que proferia. Um fechar e abrir de boca com lapsos temporais dado a grande quantidade álcool inconsequentemente ingerido. Estava absorto com a minha visão de fundo. Em quais mundos ela viajava lendo aquele livro grosso de fantasia, tão na moda estão hoje em dia, a que se dedicava ali com tanta paixão? Por qual razão de vez em quando aproximava o livro do rosto de maneira que me impedia ver seu rosto, deixando-me aflito? Por que estava naquele lugar onde havia apenas alguns moleques jogando fliperama e alguns senhores estragados pelo tempo, como eu, bebendo alguma coisa

alcoólica? Certo, serviam sucos, tinha uma senhora com duas crianças ranhosas comendo um salgado gorduroso ali, mas ela certamente destoava de tudo. Sua brancura, como um clarão de relâmpagos, invadia meus sentidos. Sons de sirenes. Estávamos ali num universo de peles curtidas pelo sol. Rostos enrugados, peles precocemente carbonizadas pela necessidade da lida, digladiando com a desumana incidência solar e conservação de calor neste caldeirão dos infernos. Aquela delicada pele branca era quase um insulto à nossa paleta de cor que variava do bege escuro ao preto. Não seria absurdo imaginar que alguns olhares mais repugnavam do que aplaudiam aquela presença encantadora. “Prendam-na imediatamente, pois está a nos insultar com essa insonsa brancura!” Exclamariam talvez esses exultantes inquisidores por justiça epidérmica, imagino.

- Fíco pensano...

Nem sei qual foi o intervalo da última fala dele. Nem sei quanto tempo fiquei em silêncio desfocando a visão do rosto dele para observar a moça nos fundos do balcão em “L”. Nem sei quanto tempo ele ficou mudo, fitando o seu copo. O tempo tornou-se um artefato bizarramente fluido agora.

- O povo fala que é mais fácil um camelo passa no fundo duma agúia do que um rico entrá no céu. Será que Seu Robervardo vai por inferno. Num acredito!

- Quem é Seu Robervardo?

- Meu ex patrão. De quem falei agorinha... O nome dele.

- Não saberia responder essa pergunta, pois não estou certo que concordaria totalmente com essa ideia...

- O sinhô num acredita no céu? Num acredita ni Deus?

- Não é bem isso... – Esquivei – Acho que todos merecemos uma segunda chance...

- Tomara que num seja verdade. Num desejaria isso a ele. Que ele fosse pro inferno... Daquele jeito... De vez em quando ele era bom. Duma vez deixô nós pega os restos da carne de sobrou do churrasco da impresa e levá pra casa. Às vezes ele era bom.

Uma agonia estrangulava a minha garganta. Para que tanto sofrimento? Para que tanta humilhação? Por que imaginar ser um ato de bondade dar migalhas que iriam se perder ou ser jogado aos cães? O crescente som das sirenes ao fundo aumentava a minha agonia. E essa necessidade de se apegar a uma outra vida na qual supostamente a alegria e a bonança viriam? Por que querer vingar dos que nos afligem aqui condenando-lhes a um provável lugar de sofrimento, num improvável depois? O que eu menos desejava naquele momento era alguma quizila religiosa, política ou filosófica. As sirenes lancinavam, como se aproximando. Subitamente, a minha moça fecha o livro apressadamente, sai nervosa... No meu íntimo ela estava sendo o único motivo de eu ainda estar ali... Fiquei sem chão. Foi como se desligassem algum botão em mim... Não desejava nada ali além do silêncio. Queria desligar a minha mente. Pane! Acalmei-me um pouco e respondi:

- Acho que todos nós temos o nosso lado e nosso lado ruim. E, acredito, que às vezes, o Seu Robervardo não deixava você em paz porque, de repente, alguém pagava ele pra ele não deixar vocês em paz. Entende? Sempre tem um com mais dinheiro, que é dono de alguma coisa, e, por isso, manda no outro. E, quando a gente vai ver, as pessoas por perto que você achava que mandava em alguma coisa, não mandam em nada. Já parou pra pensar? As pessoas são às vezes boas e às vezes ruins. Só estão cumprindo as funções a elas designadas, talvez de uma forma desumana, mas isso não significa que são ruins pois no fundo querem alguma coisa boa. Não entendo realmente o porquê de algumas serem recompensadas e outras punidas por viverem suas vidas não solicitadas...

Tudo saía de minha boca sem nenhum controle ou planejamento. E ele quieto...

Seus olhos estavam fixos no seu copo engordurado. Imagino talvez que pensando no fato de que aquela conversa teria que terminar e ele precisaria encarar a realidade com sua família. O que eu menos desejava era entrar numa quizila... As luzes das viaturas invadiram o local. Minha mente desligou-se. Eu não mais ouvia sons. Ficava observando, hipnotizado, com as luzes refletiam no meu copo. Um caleidoscópio mudo e sereno. Olho para o lado. Dois policiais falam nervosamente com meu interlocutor. Pegam os braços dele e o algema com muita violência. Eles falam esbravejando, denotando, na expressão, muito ódio, saliva saindo de suas bocas... Meu interlocutor, fecha os olhos, empurram sua cabeça contra o balcão. É depois violentamente puxado pelos policiais. Seu chapéu cai. Ele olha pra mim.

Nunca mais consegui tirar da minha cabeça aquela expressão sofrida.



Simone de Jesus Padilha

Nasceu em São Paulo em 1967, e vive em Cuiabá desde 1981. Formada em Letras, é professora do Departamento de Letras da UFMT e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Doutora em Linguística Aplicada, é líder do Grupo de Pesquisa Relendo Bakhtin (REBAK). Apaixonada por literatura, música e artes em geral, escreve poemas há algum tempo e atualmente está se aventurando pela narrativa curta.



BICICLETA

Sim, ela se lembrava de tudo de bom que havia vivido. Sua memória era clara, e agora apenas uma cena lhe perturbava, arrastando-se sobre o seu travesseiro a derrubar o sono da cama. Quanto tempo levava para fazer 100 quilômetros de bicicleta? A qual velocidade? Quanta energia seria necessária?

A mesa estava posta, como todos os dias. O almoço, do jeitinho que ele gostava, tinha panquecas e muitas vezes o purê de batatas que ele insistia dizer que o da mãe era melhor. A roupa limpa, guardada nas gavetas, nos cabides. O guarda-roupa não era mais seu, suas roupas espremiavam-se como sua alma...onde guardo minhas coisas?

- Mãe, de qual música você gosta?

Não se lembrava. Ficou olhando para o nada, tentando responder ao filho adolescente. Ela não se lembrava de nenhuma música, nenhum cantor, nenhum som nada, nada. Ah, sim, um dia disse ao marido que gostava de Fábio Júnior, mas ouviu apenas "Lixo!". Daí se esqueceu. Esqueceu de gostar.

Havia se inteirado, por gosto alheio, de todos os guitarristas do planeta, do Satriani, do Clapton, do B.B. King. Mas eles estavam todos ocupando o guarda-roupa, pensou. Onde posso guardar as minhas canções preferidas esquecidas? Que foi feito de minha viola? Por que vendi meu teclado? E os meus dedos tortos de dor?

Os armarinhos de plástico, de cada lado da cama, figuravam brilhantemente como mesas de cabeceira, a testemunhar as noites de não-amor. O ronco e a insônia. Os fedores e as dores nas costas. Caixas de remédio de um lado, capacete de bike do outro.

Alguma coisa errada no reino desencantado. Quando se conheceram, ele lhe dera o mundo. Sim, era o mundo, um pequeno bibelô na forma de globo transparente. Não entendeu nada, sorriu apenas e ficou olhando para aquela bolinha, acreditando ser um peso de papel. Sim, era um peso.

Essa noite, quem sabe? Poderia seguir as dicas das amigas, vestir algo provocante e deitar ali, esparramada pelos lençóis. A ilusão era sua melhor conselheira, tão viciada em inventar o futuro.

Ele estava vidrado aquela noite em uma partida de tênis, alma de aristocrata, pra lá, pra cá. Djokovich contra Nadal ou Federer ou Del Potro, milhares de sets ad infinitum e muitos pares de coxas grossas. Resolveu iniciar a batalha inglória:

- Vou deitar. Te aguardo.

Resistiu até onde não podia, cochilou um pouco, até que, madrugadinha, percebeu um barulho ao seu lado. Ele tinha vindo, se aconchegando para dormir. Era agora...

Abraçou-lhe as costas gordurosas, e ficou alisando os parcos pelos. Não correspondeu, sequer um movimento, nem um pio. Resolveu apertar mais, beijar-lhe o pescoço, morder a orelha. Ele suspirou. Menos animação, mais tédio. Finalmente, ele se virou.

Ela sabia que tinha que estimular. Levou sua mão devagar até o pênis flácido, encolhido. Ia demorar um pouco, logo estaria a meio mastro, o suficiente, talvez, para conseguir penetrá-la. "Com licença", balbuciou. Ele sempre dizia isso. Licença...

Em um átimo, lembrou-se de todas as suas vezes, ou melhor, de todos as suas meio-vezes. Da primeira, quando o rapaz fugiu e disse que ela precisava ler a Bíblia. Até lhe dera uma de presente, com linguagem facilitada, para entender bem a mensagem divina. O outro, era casado, com os olhos de peixe morto, negava-se a qualquer intimidade, pois sua esposa estava sempre à espreita, com a isca pronta a lhe fisgar a culpa. O seguinte, tinha uma reserva e uma tara, só lhe esfregava o pênis entre os seios, depois se satisfazia sozinho, nem um abraço, nem um beijo. Teve mais um, esse tinha o bafo de pinga, o que lhe embrulhava o estômago a cada vez. Espalhava antes a porra pelas suas pernas, depois se vomitava todo. Gozado com alguém? Jamais.

Mas era criatura incansável, imaginação gigante, quis ser ela mesma uma bicicleta. Quem sabe assim ele a desejasse? O quadro todo feito de aço e pintura morena prateada, sempre pronta para os pedais da vida, ao longo da estrada em que a felicidade, ao longe, eram as estrelas reluzentes da Noite Estrelada de Van Gogh. O guidão sempre aberto a amparar as lamúrias, e o selim... acho que ele amaria montar nele. Todos montavam. Essa ideia a animava, tentando inflar o coração murcho com amor, e que a vida e o mundo eram assim mesmo. Bobagens, mágoas sem freios, correntes de carência. Ia avante, pedalando sem suspensão traseira, em marcha lenta, vamos que vamos.

De repente, despertou, virando-se injuriada, quando ele fez aquilo que detestava. Enfiou a língua em sua orelha, encharcou de saliva fétida e depois soprou, forte, bem no canal. Por que insistia nisso, tantas vezes? Ela se encolhia, com muita irritação e dor. Relevou, uma vez mais, afinal isso era tão pequeno diante das atrocidades do mundo, não é?

A meio barro meio tijolo, subiu sobre ela, com um interesse sepulcral. E mexeu, mexeu esquisito preguiçoso, ela tentou se mover, ele era tão pesado, ela não tinha força, não tinha espaço, estava sem fôlego, no *exit*.

Até que o marido terminou. E exclamou:

- Nossa, isso é mais cansativo do que fazer um pedal de 100 quilômetros!

E caiu de lado.

Ela ficou ali, na morte súbita, melecada, ladeira abaixo, afundando o rosto no travesseiro lacrimoso, num ofício de faquir, a ouvir as batidas desreguladas de seu coração estúpido.

JERIMUM COM QUIABO

O esposo chegou e, como às vezes, abraçou-a levemente e beijou-lhe a testa. O almoço já estava posto na mesa de madeira capenga de uma perna. Ela se serviu de arroz, ovo frito e salada de tomate. O jerimum com quiabo deixou tudo pra ele – ao contrário do esposo, ela odiava jerimum, ainda mais com quiabo. Terminada a refeição, que para o casal poderia ser considerada banquete, ela se levantou, guardou a sobra de arroz na vasilha de plástico sem tampa e depositou cuidadosamente na sacolinha de lixo a sobra do jerimum. Amontou a louça no tanque – a pia da cozinha estava entupida há dias – e começou a esfregar com a bucha vegetal. Ele, como às vezes, a ajudou secando, mas antes mesmo de terminar a tarefa sentiu o suor escorrer pela testa, descer até as bochechas e ensopar a camisa. Julgou, então, o sol a pino responsável pela desidratação. Embora insistisse em permanecer de pé, não foi capaz. O corpo tremia, as pernas ficaram fracas, o labirinto se desequilibrou. Foi com a ajuda da esposa que encontrou o caminho da cama. A cama pareceu-lhe um santo remédio, mas não foi. O vomito escuro jorrava pela boca e nariz. Começaram as alucinações: a esposa ora era demônio com ferrão, ora bruxa a gargalhadas, ora anjo que lhe tocava sutilmente, ora dragão, cobra, criança brincando de ciranda, fantasma, Deus na porta do céu, demônio na porta do inverno. O oxigênio desapareceu. A esposa saiu à procura de ajuda. Andou três quarteirões e chegou ao postinho de saúde. Sem ambulância para agilizar o socorro, o único médico de plantão foi a pé mesmo atender a ocorrência. Ao entrar na casa, o senhor de cabelo grisalho, nariz saliente, olhos apertados já sentiu o cheiro agridoce. Chegou ao quarto e viu o corpo arroxeadado, colocou dois dedos no pulso, logo em seguida na jugular. Espalmou a mão direita e colocou-a no peito – nem se incomodou com a poça de vômito. Sem aparelho algum para lhe ajudar na perícia, contou com sua longa experiência para atestar a morte por congestão. A esposa providenciou o enterro com a ajuda de meia dúzia de amigos.

Ela era ainda muito jovem, quase criança, quando conheceu o homem que julgou ser o seu príncipe encantado. O namoro acontecia todas as tardes na praça da pacata cidade. O futuro esposo nunca ia aos encontros de mãos vazias: balas, bombons, chicletes e muitas vezes flores colhidas ali mesmo na praça alegravam a franzina menina e refletiam o esposo com quem sempre sonhou. Cansados da rotina de dois meses de namoro, providenciaram o casamento. Pra que padre, pra que juiz de paz? Não precisavam de formalidades para se tornar esposa e esposo – e se tornaram. Pegou as poucas roupas que tinha e levou para a casa do esposo. Encontrou o lar doce lar sujo, a pia do banheiro com limo, o vaso sanitário com as bordas amareladas, o piso encardido, roupa suja misturada a roupa limpa, geladeira com odor de peixe podre. Achou graça, achou muita graça e começou logo a faxina. Agora estava tudo muito simples, mas tudo muito limpo: a cama asseada, o banheiro com cheiro de eucalipto, a geladeira limpa – porém vazia -, o fogão desengordurado. Trabalhou duro, mas ainda deu tempo de preparar um almocinho para o esposo. Ele chegou abraçou-a sutilmente e beijou-lhe a testa. Serviu-se do pouco que havia sobre a mesa e elogiou a esposa pelo banquete. Essa cena até que se repetia, mas não com frequência. De frequente mesmo só a escassez das refeições, do zelo da esposa, da pontualidade do esposo e a incerteza que a consumia e a deixava ainda mais franzina. O comportamento mutante do esposo atordoava a esposa causando-lhe pânico, insônias, pesadelo, taquicardia e uma incerteza muito grande, mas como sempre, pôs a refeição sobre a mesa. Ele chegou entediado, sentou-se à mesa e com voz alterada considerou o arroz empapado, o feijão cru, a macaxeira dura e até encontrou um resquício de sujeira no garfo. Impaciente, levantou-se bruscamente a ponto de quebrar uma perna da mesa deixando-a capenga. A franzina não sabia mais o que fazer, o que pensar nem como agir. Recordou que no dia anterior tinha sido tratada com esmero, recebido elogio pela sopa rala, ajuda para organizar a louça e até flores colhidas na praça. Não havia na vida daquele casal uma rotina de violência nem de harmonia. Não sabia nunca a esposa quem ela receberia para o almoço: o esposo ou o algoz. Vivía assim: incerta. Estava sempre sobressaltada. Quando era o esposo, nem conseguia mais desfrutar da companhia agradável e da candura daquele homem. Quando era o algoz, se desfalecia com tanta humilhação e xingamentos, como naquele dia em que chegou sentou-se à mesa e não se agradou do prato do dia. De súbito, jogou a panela no chão, esbravejou contra a esposa e ainda desferiu uma cusparada na mesa em nome do nojo que sentiu ao ver a polenta com molho de tomate. Não faltavam dotes culinários à esposa, faltava capacidade de fazer milagre.

Tentou adivinhar quem ela receberia para o almoço naquela fatídica manhã e apostou no algoz. Arrumou os poucos móveis, lavou as roupas e foi se dedicar ao almoço. Preparou um arroz soltinho, fritou dois ovos, temperou uma salada de tomate colhido ali mesmo no quintal, cortou o jerimum e o refogou com quiabo. Para dar um sabor a mais no prato preferido do esposo, regou o jerimum com rodenticida – o chumbinho diluiu-se rapidamente. O esposo chegou e, como às vezes, abraçou-a levemente e beijou-lhe a testa. O almoço já estava posto na mesa de madeira capenga de uma perna. Ela se serviu de arroz, ovo frito e salada de tomate. O jerimum com quiabo deixou tudo pra ele – ao contrário do esposo, ela odiava jerimum, ainda mais com quiabo.



Mirian Schio

A quem possa interessar, lá pelo final dos anos 60, nascia em Santa Clara D'Oeste – SP Mirian Schio. Não nasceu rodeada de livros, mas sua paixão pelas letrinhas começou muito cedo: aos 7 anos de idade, ainda fora da sala de aula, quando tentava decifrar a linguagem não verbal das histórias em quadrinhos dos Gibis. Tarefa orientada pelo grande amigo adulto Amado – Sim, esse era o nome dele. A paixão pelo jeito continuou, pois na 8ª série do primeiro grau – a nomenclatura mudou, né? - ganhou um concurso de redação promovido pelo colégio no qual estudava, com o tema “A importância dos estudos na vida das pessoas.” No final dos anos 80, quando terminou o Ensino Médio, deu uma pausa nos estudos, mas a paixão pelas letrinhas continuou sendo alimentada pelas leituras, cuja obrigatoriedade era apenas o prazer. De tão bem alimentada, essa paixão ganhou força e a impulsionou, em 2007, para o Curso de Letras da Unemat – Universidade do Estado de Mato Grosso. Nessa casa de conhecimento, ganhou, em 2008, o II Concurso de Contos e Poemas, com o conto “A pasta preta com cheiro de mofo”. Em 2007, teve o texto “A terra e o tempo: vozes do quilombo” publicado no Diário de Cuiabá. Hoje, formada em Letras e pós-graduada em Docência na Educação a Distância, a paixão pelas letras aliada ao senso crítico desperta nessa autora repugnância a qualquer tipo de supremacia, fazendo-a expor em suas obras as chagas humanas. Assim, dando ênfase à verossimilhança como mera coincidência, seus personagens ora são subservientes, ora se rebelam como podem, como fez a franzina.

**Túlío Paniago Vilela**

Foi selecionado no Prêmio Pixé de Literatura.

A LÍNGUA DO LIQUIDIFICADOR

I

Talvez seja prudente avisar de antemão que isto não é um conto propriamente dito. Conto, segundo definição de dicionário, se caracteriza por ser uma narrativa ficcional breve, concisa, em prosa, contendo um só conflito, unidade de tempo e número restrito de personagens. Para começo de conversa, esta história aconteceu de verdade, e não por acaso, quando rememorada e racionalizada para ser estruturada e expressa em palavras escritas, fora construída na primeira pessoa do singular. E o “eu”, neste caso, não é somente o personagem que vivencia a ação, mas também o autor. Eu mesmo, Antunes Gomes, o que impossibilita que “A Língua do Liquidificador” concorra em qualquer concurso literário, uma vez que é proibido citar o autor no corpo do texto para não influenciar a decisão do júri. Todavia, levando em consideração a insignificância do meu nome, qualquer possibilidade de me beneficiar disso seria nula, de modo que isso pouco importa, além, é claro, da duvidosa qualidade desta prosa. Ademais este verborrágico primeiro parágrafo está impregnado de metalinguagem. Detesto metalinguagem, assim como primeiros parágrafos, portanto, na ausência de justificativas mais razoáveis, optei por comprimi-los neste espaço como uma espécie de vingança pessoal.

Entendo bem de amontar palavras sem palavras no sentido que estou criando; sou jornalista. Dizem que o jornalismo é uma profissão quando na verdade é uma linguagem. E uma linguagem cujos códigos são pura e simplesmente, com raríssimas exceções, técnicos. Um professor, possivelmente darwinista, jurava que qualquer macaco bem adestrado seria capaz de produzir uma notícia. Creio que haja um pouco de injustiça nesta comparação. Afinal, ainda que insistamos em adestra-los, macacos têm certas prioridades vitais que os impedem de se dedicar às trivialidades das quais nos ocupamos. As máquinas, sim, estas podem, e inclusive com mais eficiência e produtividade. Desprovidos de qualquer pulsão de vida, já existem robôs capazes de produzir até 30 mil notícias por mês. Li isso numa notícia produzida por sei lá que tipo de mente ou software.

Notícia, como se vê, é um bem que se produz e se consome em série. Não tem natureza humana, mas de objeto. Não é mais nem menos coisa que um alicate, um copo, um peso de papel ou um liquidificador. Possui, como todas estas coisas, uma essência utilitarista. E dentre outras disfunções, tem como uma de suas principais finalidades a tendência à redução. Reduz a imensurável complexidade humana à ideia de que tudo seria factual, apreensível e explicável seguindo um raciocínio raso de causalidade.

E muitos jornalistas, como fossem notícias, se constituem a partir de semelhante lógica, tornando-se técnicos, frios e superficiais. Estes já não são gerados, são produzidos em série; perderam a capacidade de se expressar, apenas informam. E mesmo na suposta informalidade de suas relações pessoais, não se permitem à abolição do plural, a supressão das demais concordâncias e ao descompromissado uso de vocábulos. Conservadores; tapam os ouvidos aos dialetos que (in)surgem das ruas. Puritanos; combatem as gírias que em orgias transam novas semânticas. Se transmutaram em linguagem, porém não se permitem à língua no seu sentido de saliva e carne. Quem sabe um dia produzam 30 mil notícias por mês, não duvido...

Embora isto seja um fato, não é notícia. É só um pretense conto ainda sem cara de conto. E também pouco importa cara quando o corpo é aleijado. Todo mutilado, arranquei-lhe os membros que não me convinham. Ficou algo sem pé nem cabeça. Pronto. Já chega dessa metalinguagem barata. Antes de qualquer coisa, Antunes Gomes nem sequer existe. Meu nome é Soraya Lemos. Inventei esse pseudônimo masculino para que ele assumisse minha insignificância. Prefiro ser desconhecida assim, enquanto homem. No mais, também sou jornalista, talvez um pouco menos pessimista, pero no mucho. Espero que este rompimento com a expectativa não quebre o ritmo da narrativa. Não há nada mais pobre do que rima em prosa. Relaxa e goza, antes estrutura do que estilo, aliás estrutura forma conteúdo, contudo, conteúdo reforma estrutura? Fica a reflexão... Admito a falta de coesão. Sinto que essa prosa arrastada, essa troca na perspectiva de autoria, essas digressões, arbitrarias, enfim, tudo conflui em pontas soltas. E o que se amarra, de tão embaraçado, se apresenta como farpas de um arame. Aliás, se as farpas se embaraçam em nós, o que sabe a cerca acerca dos nós? Quanta pretensão pensar em prosa poética quando nem sequer foi estabelecido o incidente que dispara o conflito. O leitor, em linhas gerais está condicionado pelo cinema americano, e este texto está muito Tarkovski. Se isto fosse cinema, a sessão estaria vazia antes de completar meia hora de filme.

Pois bem, pensando na bilheteria, é melhor mudar a estratégia. Façamos de conta que este conto começa agora. Sinto falta de uma amarração que sustente tal ruptura. Que seja, sigamos a fórmula do cinema americano: tudo se conecta desde que se consiga estabelecer elos. Entretanto, mesmo que estes elos me soem satisfatórios, ainda dependeriam do sentido que se estabelece entre o que escrevo e o que se lê. Embora não seja a intenção tudo isso parece encheção de linguiça. E também se fosse, qual o problema? Isto não é notícia. Não tenho compromisso com a pressa ou interesse do leitor. Aprecio uma linguagem verbosamente literária, uma prosa situada na zona da fronteira prolixamente poética. Mas asseguro que não falo e jamais falaria desta maneira. As palavras em minha boca são vivas e me queimam os lábios, de modo que seria impossível organizá-las com delicadeza como quando as arranjo no papel. Palavras no papel são póstumas, porém cadáveres floreados, limpos, assépticos e acomodados em cemitérios com uma boa noção de urbanismo. E assim como é impossível sustentar um velório sem morto, também não há conto que se sustente sem conflito. Pois bem, o copo do liquidificar quebrou. É isso, eis o conflito. Não me julgue, não existem conflitos menores, tudo depende de como as personagens – no caso eu – se relacionam com eles. Enfim, seja como for, agora ao menos temos algo de conto.

II

Ontem sai com o propósito de conseguir um novo copo. Andei até uma lojinha que só vende coisas de liquidificador, como fosse uma banca que só vende notícias, típicos comércios de produtos em série. Disse que precisava de um novo copo. O vendedor esboçou um riso contido debochando da minha evidente ignorância sobre o assunto e perguntou o modelo. Dos que liquidificam, pensei. Sei lá, respondi. Já sem conter o riso, explicou ser

necessário o modelo para conseguir o copo. Caso eu fosse uma pessoa prática, teria anotado o modelo e a marca, teria inclusive tirado uma foto e até levado a peça quebrada. No entanto nem pensei nisso, porque na minha cabeça liquidificadores são todos iguais, assim como os carros, os shoppings e os aeroportos.

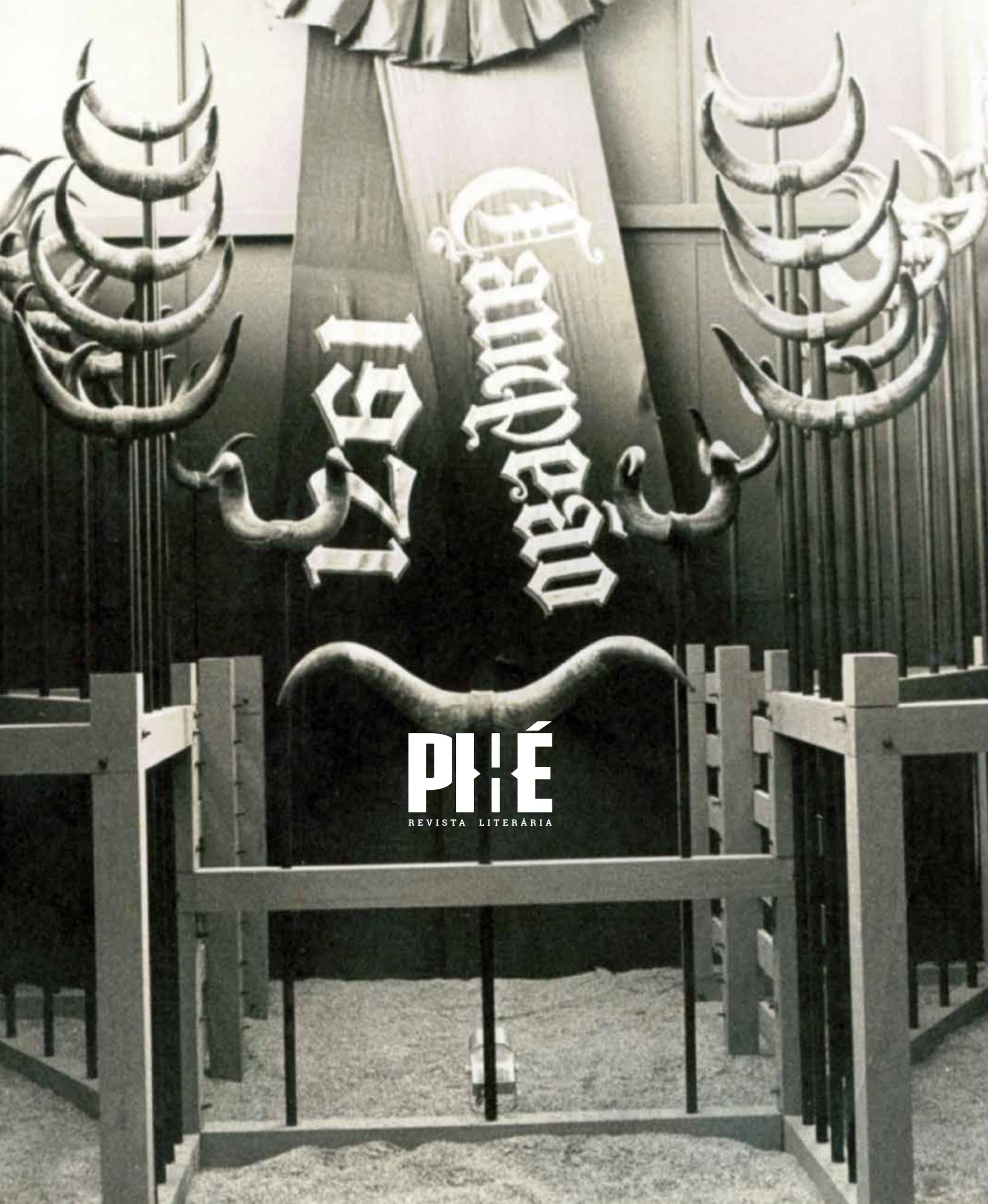
Na volta para casa, sem conseguir o objeto que motivou minha saída, fiz um caminho diferente. Tinha até esquecido que era dia de feira. Caminhei sem pressa pelos amontoados corredores. Provei amostras grátis, observei os olhos vidrados dos peixes mortos para escolher o mais fresco, comprei mangas e abacates maduros. Só me dei conta de que o tempo fechou quando já chuviscava. Me abriguei na barraca de cebolas. A feira se esvaziou em meio à correria dos feirantes que recolhiam os produtos enquanto a chuva engrossava. A vendedora, uma senhora simpática, recolhia caixas quando percebeu minha presença. É como se fosse teatro, disse. Devo ter feito cara de quem não entendeu. A feira complementou. Dei uma risada meio boba para retribuir a simpatia, embora continuasse sem compreender. Ela encaixou um encosto de madeira sob o suporte da barraca e realocou a armação para que a lona permanecesse rígida e não acumulasse água. Aqui todo dia é algo novo, nunca dá pra saber o que vai acontecer, tem que improvisar, arrematou a senhora. A harmonia suscitada entre suas palavras e atos reverberou prosa poética em seu mais puro estado. E poesia à luz do dia, ainda que chuvoso, vindo assim do nada, sem qualquer aviso prévio, de bocas desconhecidas e de suportes de barracas, costuma embasbacar os desavisados e desconsertar os práticos, de modo que, naquela insólita manhã, a ordem do dia fora integralmente abalada e pouco a pouco o cheiro úmido de poesia inundava minhas narinas. Senti a insustentável leveza do absurdo desnorrear o espaço e dilatar o tempo.

Ao emudecer, revelei minha fascinação. Não se tratava de um assunto como outros, nem sequer uma conversa, não tinha início ou fim, se fazia pelos meios. A senhora emendou sobre um homem apressado que nunca parava. Um dia a pressa fez com que esquecesse o guarda-chuva em casa. Veio um temporal e ele teve que se abrigar embaixo de uma árvore. Como a chuva era contínua, teve que permanecer por muito tempo, até enraizar os pensamentos. Então notou que os pássaros também se abrigavam ali e concebeu a árvore como um grande guarda-chuva enraizado. Meditou mais um pouco e compreendeu o guarda-chuva como uma árvore sem raízes. Uma árvore, portanto, morta. Concluiu que o guarda-chuva não tem como finalidade proteger da chuva, e sim garantir o caminhar enquanto chove, logo é um instrumento da pressa. De imediato, ao reconhecer a árvore como sua única proteção possível, se tornou pássaro. Ela sorriu ao terminar a história. É chuva de primavera pra germinar as sementes, disse olhando para o céu. Ainda é inverno, pontuei. Mas a chuva é de primavera, concluiu. Qual o fim daquilo que se encerra pelos meios?

III

A poesia de ontem ainda se liquidifica em mim, todavia sigo sem copo. Voltei à loja esta manhã. O vendedor, após mais um sorriso debochado ao ler o papelzinho que lhe entreguei com o modelo e a marca, informou que aquele tipo está em falta, entretanto a encomenda fora feita e deve chegar o mais tardar na sexta-feira da semana seguinte. Caso fosse eu uma pessoa prática, quando estive na loja pela primeira vez, teria pego o número do estabelecimento e ligado para saber se aquele exemplar estava disponível no estoque. Enfim, tarde demais pra pensar nisso. Nasci desprovida de prática como robôs que escrevem três mil notícias por mês nascem desprovidos de vida. Sou desregulada de tempo e deslocada de espaço como jornais de ontem. Desajustada de prática e descabida de técnica. Porém não me queixo. Onde não caibo, transbordo. Sou mais líquida que sólida. Chuva é dona do próprio fluxo, é rio que flui sem margens. Todo mar deságua em mim. E se não cabe, transborda em lágrimas. Isso não é notícia, talvez nem conto, essa história aconteceu. Os dias, os incidentes, o liquidificador, o deboche, a chuva, a mulher da feira, a conversa... Aconteceu mesmo, isso é um fato inapelável, no entanto está sobreposto em camadas: 1- O que aconteceu; 2- o que interpretei e decifrei do que aconteceu; 3- como racionalizei e estruturei, neste conto, a minha interpretação do que aconteceu; 4- como o leitor se relaciona e absorve estas palavras que são o extrato do que racionalizei e estruturei daquilo que decifrei e interpretei do que realmente aconteceu. E é justamente neste ponto, nesta sobreposição de camadas, onde se conflui a realidade objetiva e a interpretação subjetiva, que sentidos e conexões são criadas.

Portanto não estou convencido da queda de uma árvore se ninguém a viu ou ouvir cair, e tampouco me convenço de que caiu porque alguém alega ter presenciado. Todo fato consumido é de fato consumido? Fato é que as versões se sobrepõem aos fatos. O que desacontece se não houver registro? Intuo que os fatos simplesmente são porque são. O que acontece e é registrado é notícia, cerca de 30 mil por mês por cada robô. Robôs são práticos e nunca morrem, mas mesmo uma eternidade seria insuficiente para que compreendessem uma metáfora.



1951
mesadunes

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA